



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**VALESKA DE SOUSA GOMES**

**A LEITURA COMO FERRAMENTA DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NO  
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS QUE MORAM EM COMUNIDADES COM  
RISCO SOCIAL**

**FORTALEZA - CE**  
**2015**

**VALESKA DE SOUSA GOMES**

**A LEITURA COMO FERRAMENTA DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NO  
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS QUE MORAM EM COMUNIDADES COM  
RISCO SOCIAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lídia Eugênia Cavalcante

**FORTALEZA**

**2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

G618l Gomes, Valeska de Sousa.  
A leitura como ferramenta de difusão do conhecimento no desenvolvimento de crianças que moram em comunidades com risco social. – 2016.  
75 f. ; 30 cm.

Inclui Apêndice.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências da Informação, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2016.

Orientação: Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante.

1. Bibliotecas e sociedade. 2. Bibliotecas – Estudos de usuários. 3. Bibliotecas – Programas culturais. 4. Incentivo à leitura. I. Título.

CDD 021.2

---

**VALESKA DE SOUSA GOMES**

**A LEITURA COMO FERRAMENTA DE DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NO  
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS QUE MORAM EM COMUNIDADES COM  
RISCO SOCIAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências da Informação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lídia Eugênia Cavalcante.

Aprovada em: 25/01/2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Bibliotecária Especialista. Laiana Ferreira de Sousa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Herbenes e Franzé que nunca pouparam esforços para me darem uma boa educação, me apoiando em todos os momentos e fazem de tudo para me verem feliz.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Herbenes e Franzé, a quem eu tenho o maior amor do mundo. Sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos da minha vida, me encorajando a enfrentar todos os desafios que surgiram e sempre estenderam a mão nos melhores e piores momentos. Por todo o respeito, amor, carinho e paciência depositados a mim e ao meu irmão.

A Deus, que é o maior pai de todos, criador da humanidade. Sem Ele eu não existiria e não teria absolutamente nada.

Ao meu irmão Felipe, por nossa ligação de sangue e respeito.

Aos meus avôs, Casimiro Gomes e Jovino Pereira, que não estão mais presentes nesse mundo, mas sempre estão nas minhas orações e pensamentos.

À minha avó, Maria Aline Corrêa, que não está mais entre nós de corpo presente, mas está no meu coração. Dedico também à minha avó, Dona Mocinha, que hoje se encontra deitada em uma cama, mas lembro-me de todos os momentos vividos com ela quando ela tinha muita saúde. Foram muitos ensinamentos, carinho e um amor muito sincero e puro.

Aos meus amigos e colegas de turma que viveram comigo os bons e difíceis momentos desses quatro anos na academia. Em especial, às minhas queridas amigas Jéssica Sousa e Camila Cavalcante, que se tornaram as minhas amigas de vida, me ajudaram em todas as questões referentes a faculdade e fora dela.

À minha amiga, Jéssica Sousa, eu quero fazer um agradecimento a mais, por ela ser a pessoa que ela é como amiga. Durante esses quatro anos, ela sempre me apoiou e me deu seu ombro amigo para rir e para chorar. Me fez crescer não só como pessoa, mas também como futura bibliotecária.

À minha grande orientadora, Lidia Eugenia Cavalcante, a quem eu tenho uma enorme admiração, não só pela grande profissional que é, mas também pela pessoa humana e compreensiva. Pela maravilhosa orientação, paciência, compromisso, atenção a mim dada e também por suas disciplinas ministradas, que para mim, foram as melhores durante a minha vida acadêmica.

A banca examinadora, a Laiana Sousa que foi a minha professora no curso, a quem eu sempre tive um enorme carinho e respeito. Quero agradecer por ter ficado muito feliz pelo convite e por tê-lo aceito de forma tão rápida. A professora Aurea

Montenegro, uma pessoa maravilhosa, muito divertida e excelente professora. A professora Giovanna Guedes, que entrou no corpo docente da UFC no ano de 2015, mas mesmo com pouco tempo de convivência, eu nutro um carinho e um respeito muito grande por ela. Não só como professora, mas também como pessoa, pois sempre foi muito educada, solícita e compreensiva não só comigo, mas com todos os seus alunos. A todos os professores do Departamento de Ciência da Informação, por seus ensinamentos e aulas ministradas. A todos os funcionários e servidores do Departamento de Ciência da Informação, pela ajuda em vários momentos da academia.

Aos meus melhores amigos da vida, Bruna Maria, Vanessa Cavalcante, Vanessa Amorim, Fernando Menezes, Bruna Holanda e Sheimar Maciel, que sempre estiveram ao meu lado e me encorajam a enfrentar todos os desafios.

À equipe do projeto Criança Feliz e da Biblioteca Comunitária Criança Feliz, que me acolheram de uma forma maravilhosa. Por todo o respeito, carinho, trabalho e confiança depositados na minha pessoa. Lá, eu tive uma das melhores experiências profissionais da minha vida e um aprendizado gigantesco.

A todos que fizeram parte direta ou indiretamente da escrita e conclusão desse trabalho.

“Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.” (Mahatma Gandhi)



## RESUMO

Expõe a leitura como ferramenta de difusão do conhecimento para crianças residentes em comunidades com risco social. Discute o papel social da biblioteca comunitária como inspiradora e incentivadora da leitura e de inclusão. Tem como objetivo geral investigar se a leitura proporciona às crianças que vivem em comunidades com risco social benefícios que contribuem para a melhoria da qualidade de vida. Sobre a metodologia, trata-se de um estudo de natureza qualitativa e analisa as atividades desenvolvidas no Projeto Criança Feliz, na Biblioteca Comunitária Criança Feliz, localizada em um bairro da cidade de Fortaleza-CE, que possui considerável índice de risco social na infância. Aborda, ainda, as concepções acerca de bibliotecas comunitárias, mediação de leitura, mediador de leitura e observa suas contribuições para crianças e jovens da comunidade. Em conclusão, verifica-se que a leitura, a biblioteca comunitária e a mediação de leitura são essenciais para o desenvolvimento da infância e da vida em comunidade e que contribuem para a diminuição da exclusão social.

**Palavras-chave:** Comunidades com risco social. Biblioteca comunitária. Incentivo à leitura. Mediação da leitura. Mediador de leitura.

## ABSTRACT

Exposes reading as a tool of dissemination of knowledge to children living in communities with social risk. Discusses the social role of the community library as inspiring and encouraging of reading and inclusion. It has the general objective to investigate if the reading gives to children who live in communities with social risk, benefits that contribute to improve quality of life to them. About the methodology, it is a qualitative study and analyzes the activities developed in the “Projeto Criança Feliz” (Happy Child Project) in the community library called “Criança Feliz”, located in a neighborhood of the city of Fortaleza, which has considerable social risk index in childhood. It addresses also the conceptions of community libraries, reading mediation, reading mediator and observes his contributions to children and youth of the community. In conclusion, it appears that reading, community library and reading mediation are essential for the development of childhood and life in the community and contribute to the reduction of social exclusion.

**Keywords:** Communities with social risk. Community library. Encouraging reading. Reading mediation. Reading mediator.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização da criança/jovem.....	45
Quadro 2 - Pais/responsáveis das crianças/jovens.....	51
Quadro 3 - Identificação de situações de violência na comunidade.....	52

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: transformando conhecimento e vida</b> .....	13
2.1 BIBLIOTECA: elo com a comunidade .....	14
2.2 QUAL O PAPEL DA BIBLIOTECA NA COMUNIDADE? .....	19
<b>3 A MEDIAÇÃO DE LEITURA</b> .....	20
3.1 LEITURA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA .....	22
3.2 OS MEDIADORES DE LEITURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES .....	23
3.3 A BIBLIOTECA NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO PARA CRIANÇAS .....	25
3.4 A CONSTRUÇÃO DO LEITOR .....	26
<b>4 RISCO SOCIAL E VULNERABILIDADE</b> .....	29
4.1 COMUNIDADES COM RISCO SOCIAL .....	31
4.2 O PAPEL DA FAMÍLIA .....	32
4.3 COMPORTAMENTO E NÍVEL DE LEITURA DE CRIANÇAS QUE VIVEM EM COMUNIDADES COM RISCO SOCIAL .....	35
<b>5 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CRIANÇA FELIZ: história e jornada</b> .....	38
<b>6 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	42
6.1 ANÁLISE DOS DADOS PESQUISADOS .....	44
6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	44
6.3 CRIANÇAS E JOVENS QUE FREQUENTAM A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CRIANÇA FELIZ .....	45
<b>6.3.1 Análise das entrevistas</b> .....	46
6.4 PAIS/RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS/JOVENS QUE FREQUENTAM A BIBLIOTECA .....	50
<b>6.4.1 Análise dos questionários</b> .....	51
6.5 MEDIADORA DE LEITURA DA BIBLIOTECA .....	53
<b>6.5.1 Análise da entrevista</b> .....	53
6.6 GESTORA DO PROJETO E DA BIBLIOTECA .....	55
<b>6.5.1 Análise da entrevista</b> .....	56
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62
<b>APÊNDICES</b> .....	66

## 1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas comunitárias são locais que proporcionam acesso à leitura, a informação e a livros de diferentes gêneros literários para moradores de comunidades. Além disso, desenvolvem atividades que estimulam o gosto pela leitura e o sentimento de pertença entre os usuários, funcionando como espaços de cultura e aprendizado para a toda a comunidade e disponibilizando diversos benefícios para seus habitantes. Muitas vezes, essas bibliotecas estão localizadas em comunidades com risco social e seus moradores vivenciam constantemente situações de violência das mais diferentes ordens.

Inferindo que a leitura e o ato de ler são uma das maiores ações que o ser humano pode desempenhar, propõe-se como problemática, nesta pesquisa, investigar: quais os benefícios que a leitura pode proporcionar para as crianças que vivem em comunidades com risco social?

A escolha desse tema se deu pelo fato da autora trabalhar em uma Biblioteca Comunitária que está vinculada a um Projeto Social, localizado em uma comunidade na cidade de Fortaleza, que possui um considerável índice de problemas sociais, como tráfico de drogas, assassinatos, problemas na sua estrutura física, na questão de saneamento básico, saúde e limpeza, além de questões graves no que diz respeito às relações familiares com as crianças e os jovens.

O projeto Criança Feliz é uma organização sem fins lucrativos que fica localizado no bairro Jardim Iracema, na cidade de Fortaleza-CE. Possui quase trinta anos de existência e é uma das grandes referências quando se fala em projetos sociais que deram certo e que estão à disposição das comunidades na cidade de Fortaleza. Muitas crianças e jovens da comunidade frequentam ou já frequentaram o projeto e os resultados alcançados são muito significativos. Diante desse importante papel que o projeto desempenha na comunidade, a própria comunidade em conjunto com os funcionários da instituição construíram uma biblioteca comunitária no seu interior, onde hoje, já possui vinte e um anos de implantação.

Por ser uma comunidade com risco social e por todos os problemas citados acima, é constatada a importância da difusão da leitura e do conhecimento para os habitantes dessa comunidade, de modo que eles reconheçam na biblioteca um lugar de possibilidades em relação a situação em que vivem no cotidiano.

Advoga-se, neste estudo, que é notório os benefícios que a leitura e os livros

proporcionam para as pessoas, então, há uma grande significação e resultados positivos para crianças e jovens moradores dessas comunidades e com poucas condições financeiras terem acesso a esses instrumentos de aprendizado.

Constata-se que a importância desta pesquisa se dá pelo fato dos grandes benefícios que a leitura pode proporcionar para os indivíduos e para o importante papel que a biblioteca comunitária desempenha em comunidades com risco social.

O objetivo geral deste estudo é investigar, se a leitura proporciona, para as crianças residentes em comunidades com risco social, benefícios que contribuem para a melhoria de vida das crianças atendidas no Projeto Criança Feliz.

Os objetivos específicos são:

- Identificar os fatores de risco no qual as crianças que vivem nessas comunidades estão submetidas;
- Verificar se as crianças que fazem parte dessas comunidades participam de atividades de mediação de leitura na biblioteca;
- Identificar quem são e qual o papel dos mediadores de leitura do Projeto Criança Feliz;
- Compreender qual a ideia de leitura que as crianças atendidas pelo Projeto Criança Feliz possuem.

A metodologia empregada foi de abordagem qualitativa, a pesquisa é exploratória e de estudo de caso. Como estudo de caso, observou-se as mediações de leitura realizadas na biblioteca, o comportamento dos participantes e também das crianças e jovens que frequentaram a biblioteca e que não participam das suas atividades. Para a prática da coleta de dados, foram feitas entrevistas com o público citado acima que frequenta a biblioteca, com a mediadora de leitura e com a gestora do projeto e da biblioteca. Também houve a aplicação de questionários com os pais e responsáveis das crianças.

Este trabalho está organizado em sete capítulos, onde o primeiro no primeiro está a introdução ao tema, com a problemática, justificativa, o objetivo geral, os objetivos específicos e a metodologia. O segundo capítulo aborda a biblioteca comunitária, com as suas nuances e o seu elo com a comunidade. O terceiro capítulo levanta o tema da mediação de leitura com os seus significados, a sua atuação nas bibliotecas comunitárias, a influência dos mediadores de leitura na formação dos leitores, o papel da biblioteca na difusão do conhecimento para

crianças e como se dá a construção de um leitor. O quarto capítulo aborda o tema do risco e da vulnerabilidade social com os seus significados, situações de comunidades com risco social, o papel da família na construção de um leitor e ainda o comportamento e nível de leitura de crianças que vivem em comunidades com risco social. O capítulo cinco traz a história e jornada da Biblioteca Comunitária Criança Feliz. O capítulo seis diz respeito à metodologia utilizada, a análise dos dados coletados e os resultados alcançados. No sétimo e último capítulo, se encontram as considerações finais e as ponderações acerca do tema.

## **2 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: transformando conhecimento e vida**

Os indicadores de leitura no Brasil estão sempre em estudo. Várias pesquisas já foram realizadas para demonstrar a sua real aplicação e se houve algum aumento da procura ou acesso da leitura e do livro por parte dos leitores ou futuros leitores no país. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011) o número de brasileiros leitores ainda continua bastante baixo. Pode-se pensar que um dos fatores responsáveis por esses resultados são os poucos recursos públicos investidos para essas atividades, especialmente no que diz respeito ao baixo número de bibliotecas comunitárias, escolares, públicas, entre outras.

Segundo Ferreira (2014, p.31) baseando-se na pesquisa de Amorim (2008) “[...] 35% dos brasileiros dedicam seu tempo livre à leitura, enquanto 77% preferem assistir à televisão. O período em que mais se dedicaram à leitura foi na infância e adolescência”. Ainda para Ferreira (2014), os períodos da infância e adolescência são decisivos para as crianças se tornarem leitores, pois para a autora, essas fases da vida são de descoberta e o estímulo à leitura deve ser trabalhado e desenvolvido nessas idades.

De acordo com a pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2007), 77,1 milhões de brasileiros, ou 45% dos entrevistados nesse período não leram nenhum livro nos três meses anterior a pesquisa. Esses indicadores são preocupantes, no ano de 2007 o número de livros lidos por ano por habitante foi de 4,7, em 2011 esse número foi 4,0. Considerando o número de pessoas julgadas como leitores para a pesquisa, em 2007 havia 66,5 milhões de leitores no Brasil, em 2011 esse número foi para 71,9 milhões. Nesse item ocorreu um aumento significativo no número de leitores. Amorim (2008) ainda cita que 73% informaram que não frequentam bibliotecas, embora a grande parte não desconheça sua existência. Esse é um fato que pode ser considerado bastante preocupante, já que quase  $\frac{3}{4}$  da população entrevistada admitiu que não possui o costume de ir em bibliotecas.

Diante do exposto, da ausência da leitura no dia-a-dia da população brasileira em geral, da falta de interesse em ler, da ausência de mais espaços de leitura e de bibliotecas, as bibliotecas comunitárias representam um importante instrumento para despertar o gosto pela leitura de pessoas que não tem acesso a ela com facilidade, e de desenvolver ações culturais com propósitos de divulgar e trabalhar a arte e a educação, despertar a vontade da população de ir às bibliotecas com mais



frequência e circular o acervo, fazendo com que as pessoas levem os livros pra casa para realmente lerem.

Segundo Ferreira (2014, p. 139),

Ao proporcionar o acesso ao conhecimento e à cultura, o livro e a leitura oportunizam a formação de cidadãos à medida que a informação e o conhecimento passam a iluminar as mentes e, conseqüentemente, as decisões; permitem maior discernimento sobre temas da atualidade, sobre formas de interferir na sociedade e na realidade, sobre mecanismos de autoproteção e de apropriação de conhecimentos. Além disso, a leitura proporciona à sociedade prazeres, saberes, reflexões e ações.

Outro fator de extrema relevância e que muitas vezes motiva essa escassez da leitura na vida das pessoas é ausência de espaços de leitura em muitas localidades. Muitas comunidades, por serem de difícil acesso, distantes do centro das cidades, apresentam problemas de saneamento, segurança etc. e possuem bastante dificuldade em implantar bibliotecas e espaços de leitura onde os moradores dessas comunidades possam ir com frequência.

Para tanto, é necessário criar bibliotecas e/ou salas de leitura, envolvendo a comunidade como um todo, e apostar na socialização da informação e do conhecimento como canais que irão municiá-la para uma melhor compreensão dos fatos. Desse modo, ela poderá tomar decisões refletidas com base na informação e no conhecimento. (FERREIRA, 2014, p. 132)

Ferreira (2014) deixa exposto a necessidade imediata da criação de bibliotecas e de espaços de leituras nas comunidades, com o propósito de disseminar as informações, a leitura crítica e a visão de mundo. Ainda segundo Ferreira (2014, p. 140) “É certo que através da leitura o homem interage com o meio, troca experiências, e torna-se conhecedor do que se passa ao seu redor, para, dessa forma, promover as transformações [...]”.

Pode-se considerar que a leitura é uma atividade social, onde trabalha e desenvolve as atividades cognitivas dos indivíduos. Quem lê, sentiu a necessidade de ler determinado texto, pois suas características o chamaram atenção.

## 2.1 BIBLIOTECA: elo com a comunidade

Para entender os conceitos de bibliotecas comunitárias, é importante fazer um resgate histórico de conceitos mais básicos, como o de leitura, do ato de ler, de biblioteca e o de comunidade. De início, Infante (2000, p.57) interpretou que a “[...]leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver

reflexões críticas sobre a realidade”. Esse conceito se refere ao modo como cada pessoa interpreta o que observa diariamente e quais são as reflexões que desenvolve a partir dessa interpretação. Freire (1990, p. 17) faz essa observação ao afirmar que “O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra”.

Esse ato de ler o mundo que Freire cita pode ser entendido como práticas de observações sobre o espaço que o indivíduo está inserido. De início, o sujeito observa o meio que está firmado, analisa os processos que o conduzirão ao seu crescimento pessoal e procura desenvolver os conhecimentos alcançados. Diante dessas observações, ele deve colher suas conclusões e fazer suas análises. As práticas sociais também são fundamentais nesse processo de descoberta, pois possibilitam que os indivíduos executem a sua compreensão de mundo, resultando assim, o entendimento da leitura e da escrita.

Freire (1982, p.11-12) propôs uma concepção de leitura focando a importância que se deve ter sobre o contexto da situação na qual está fazendo uso da leitura.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Diante desses conceitos de leitura, pode-se concluir que o ser humano é considerado um indivíduo interativo e observador, pois se adapta a fatores de cunho pessoal, social e ambiental e tira suas conclusões e conhecimentos a partir do que foi observado e constatado. Por ser adaptável ao seu ambiente, a sua leitura se dá não só por meio de ferramentas físicas, mas também mediante a leitura do seu espaço e de contextos em evidência.

Silva (1986, p.49) define o ato de ler:

Ler é numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e ignorância. Para ser compreendida, esta definição deve levar em conta a própria estrutura subjacente à sociedade brasileira, ou seja, a dicotomia das classes sociais, mantida pela ideologia (ou visão de mundo) da classe que está no poder. Dominar o mecanismo da leitura e ter acesso àqueles livros que falam criticamente e a respeito da estrutura hierárquica ditatorial e discriminatória, da estrutura, enfim, injusta da nossa sociedade é ser capaz de detectar aqueles aspectos que, através das manobras ideológicas servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância. Dessa forma, a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em

diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles.

Silva (1986) defende o ato de ler como uma das principais ferramentas no combate a ignorância e a alienação, cita também o direito ao acesso a livros e a leitura para todas as pessoas.

Para contextualizar o tema desta pesquisa é importante considerar o conceito de comunidade que para Peruzzo (2009, p. 3):

[...] a palavra comunidade evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região. Hoje em dia seria o lugar ideal onde se almejaria viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna.

Porém, constatamos que nem sempre essas comunidades são consideradas ideais para viver pelos próprios moradores que estão cientes dos problemas vivenciados dia-a-dia nelas.

A comunidade em si constrói um elo com os seus moradores, onde os mesmos a veem como um lar em que poderão desenvolver as suas práticas, a afetividade com o outro e com o próprio local, resultando também em um alcance ao sentimento de pertencimento que é construído pelas vivências.

Para Buber (1987, p. 34),

A comunidade que imaginamos é somente uma expressão de transbordante anseio pela Vida em sua totalidade. Toda Vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. A comunidade é fim e fonte de Vida. Nossos sentimentos de vida, os que nos mostram o parentesco e a comunidade de toda a vida do mundo, não podem ser exercitados totalmente a não ser em comunidade. E, em uma comunidade pura nada podemos criar que não intensifique o poder, o sentido e o valor da Vida. Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser. E temos o privilégio de tomar e oferecer a ambos de modo claro: vida por anseio à vida, comunidade por anseio à comunidade.

Segundo essa ideia de Buber (1987), pode-se entender que a comunidade é a geradora e criadora de vidas de toda uma sociedade na qual está incluída. Onde todas essas vivências e histórias construídas estão interligadas por essas comunidades que são locais que guardam muitas memórias. O autor foca bem no conceito de comunidade com relação à vida como um todo e as vivências, onde a comunidade é um local que transborda vida e os sentidos.

Baumam (2003) ressalta que para uma comunidade existir, a mesma tem de ser “tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma

comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos” (BAUMAN, 2003, p. 134). Pode-se concluir, segundo esse autor, que a continuidade das comunidades está sujeita a extensão das ações em grupo, das relações coletivas, da partilha de responsabilidades dos membros e de outros aspectos.

Castells (1999, p. 84) entende que,

No mundo atual as comunidades são construídas a partir dos interesses e anseios de seus membros, o que faz delas fontes específicas de identidades. Essas identidades podem nascer da intenção em manter o status quo, ou de resistir aos processos dominantes e às efemeridades do mundo globalizado, ou ainda de buscar a transformação da estrutura social. Em todas elas existem processos de identidade, objetivos e interesses em comum, a participação em prol deste objetivo, o sentimento de pertença, oriundo da identidade em questão.

Com o conceito de comunidade, adentra-se ao conceito de biblioteca, de modo a compreender a relação entre ambos.

Segundo Fonseca (2007, p. 48), “a palavra biblioteca vem do grego *bibliothéke*, através do latim *bibliotheca*, tendo como raiz *biblíon* e *théke*”. Para ele “[...] não há concretamente biblioteca no singular e sim bibliotecas, na pluralidade que se impõe em nossos dias”.

O conceito que venho propondo é o de biblioteca menos como “coleção de livros e outros documentos, devidamente classificados e catalogados” do que como assembleia de usuários da informação. Consequentemente, ao bibliotecário compete não mais classificar e catalogar livros – operações realizadas por um serviço central e cooperativo devidamente computadorizado – e sim orientar usuários, fornecendo-lhes a informação que seja do interesse de cada um. Note-se que já não me refiro mais à informação simplesmente solicitada e sim àquela que o perfil do usuário – perfil elaborado por serviços de disseminação seletiva – indique ser de seu interesse, mesmo que ele eventualmente a desconheça. (FONSECA, 2007, p. 50).

Ainda para Fonseca (2007), o bibliotecário não deve focar somente nas atividades técnicas das bibliotecas, mas voltar-se às necessidades dos usuários e prezar a importância da disseminação de informações.

Milanesi (2002, p.21) definiu a biblioteca “como um resultado do desejo e da necessidade quase instintiva de poder utilizar várias vezes uma informação que pudesse ser significativa”.

Diante de todos esses conceitos, pode-se dar início a tentativa de definir o conceito de bibliotecas comunitárias que ainda não possuem um conceito geral e único. A frente de tantos estudos, entende-se empiricamente que bibliotecas

comunitárias de uma forma geral, são ambientes de leitura, onde os indivíduos podem ter essa concepção de leitura, de espaço, de social e de sociedade que Freire expôs.

Para Bastos (2011, p.89), “O entendimento de que o conceito de biblioteca comunitária se encontra colado a uma única definição é uma atitude ingênua”. Por haver diversas definições de diferentes autores, a que melhor se adéqua a este estudo é a de Cavalcante (2014, p.30):

São espaços informacionais, fruto da ação coletiva ou individual, legitimados pelos moradores a partir do diálogo, da partilha, observações, necessidades e negociações entre os envolvidos. A gestão ocorre de modo dinâmico, mediante trabalho voluntário e ação participativa. Seus acervos são construídos, na maioria das vezes, de doações, assim como o mobiliário, o prédio e os recursos para a realização das atividades. Como são espaços criados pela ação comunitária voltam-se principalmente para o compartilhamento das ações culturais, o empréstimo de livros e a mediação da leitura de modo criativo e autônomo.

Ainda segundo Cavalcante (2014, p. 31) “A biblioteca comunitária é, portanto, veículo de valorização da diversidade cultural, caminho para a geração da autonomia e fortalecimento da educação transformadora”.

O conceito e definição de biblioteca comunitária são construídos de diferentes maneiras e conforme o país na qual é instalada, o contexto, a comunidade, a realidade e a população que faz uso dela.

Machado (2009, p.6) ao tratar sobre as bibliotecas comunitárias reflete que,

Objetivamente, essas bibliotecas devem criar mecanismos para colaborar no desenvolvimento da sua comunidade, potencializando os próprios talentos dos indivíduos e das comunidades, constituindo-se como espaços públicos voltados para a emancipação, onde a prática cidadã possa aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva. Nessa linha de pensamento, podemos identificar algumas particularidades que as distinguem da biblioteca pública: a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural; a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; o processo de articulação local e o forte vínculo com a comunidade; a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas; e, o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

A biblioteca comunitária pode ser entendida como um espaço social e público da comunidade na qual está inserida, espaço esse que pode ser frequentado por todas as pessoas que tenham interesse, sem nenhum tipo de diferença. Tendo como principal objetivo difundir a leitura, a arte e a cultura para as pessoas da comunidade

que não tinham acesso ou interesse nela.

## 2.2 QUAL O PAPEL DA BIBLIOTECA NA COMUNIDADE?

As comunidades, em geral, são locais onde estão reunidas pessoas de diferentes pensamentos, ideologias, vivências e aprendizados, onde possuem suas respectivas culturas, ideias e movimentos próprios. Cada indivíduo é integrante de uma comunidade que possui leis e regras a seguir, entretanto, em muitos casos, ela se organiza de acordo com os seus ideais.

Entre as muitas comunidades existentes em diferentes localidades brasileiras, várias vivem em vulnerabilidade e risco social. No Brasil, uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010, publicou que existem mais de 11,42 milhões de pessoas vivendo em comunidades carentes ou assentamentos irregulares. Essa pesquisa revela um pouco da dimensão que tomou o crescimento das comunidades no país.

Grande número dessas comunidades não possui bibliotecas ou espaços de leitura para os seus habitantes. Focando não somente em comunidades que apresentam riscos sociais, é de fundamental importância ressaltar que todas elas, mesmo aquelas onde os seus habitantes possuem nível financeiro mais elevado, se comparado aos indivíduos dos locais com risco social, também tem a necessidade de frequentar bibliotecas.

Para Silva (2012, p. 4),

A Biblioteca é um espaço que reúne um conjunto de documentos, acervo de livros e informações que caracteriza a identidade cultural de um povo. Frequentar uma Biblioteca nos possibilita aprender como somos em nossas ações no espaço público e na privacidade da nossa consciência.

Apesar de todos os benefícios que as bibliotecas oferecem para os usuários, elas também proporcionam vantagens e auxiliam o crescimento das comunidades nas quais estão instaladas. Para Cavalcante (2014), nem todos os habitantes onde as bibliotecas comunitárias estão inseridas possuem consciência da importância desses locais e dos conhecimentos que elas proporcionam para a sua comunidade. Porém, com a divulgação e realização das atividades e os objetivos alcançados, os habitantes irão tomar conhecimento dos trabalhos desenvolvidos e da notável importância que essas ações possuem no crescimento dos seus coletivos.

Cavalcante (2014) especificou a questão das bibliotecas comunitárias, mas pode-se fazer um paralelo com outras bibliotecas, pois todos os diferentes tipos de bibliotecas também proporcionam inúmeras vantagens para os usuários e para as comunidades na qual estão inseridas.

Ainda segundo Cavalcante (2014, p.31),

[...] é importante ressaltar que a comunidade deve refletir sobre o papel da biblioteca comunitária de modo participativo e dinâmico, permitindo a contribuição de todos. Isso ajudará a promover a autonomia, bem como a troca de saberes, a partilha de ideias e o planejamento das atividades que serão desenvolvidas para a valorização da cultura local, da autonomia social e da educação e de sua prática cotidiana.

A autora põs em evidência a contribuição da comunidade nas atividades e no desenvolvimento da biblioteca comunitária. Onde a comunidade deve ser posta em destaque, sugerindo atividades, livros, e qualquer outra demanda das bibliotecas que frequentam.

Essa forma de interação da comunidade com as bibliotecas oferece benefícios para ambas, já que as bibliotecas são construídas e focam as suas atividades nos usuários e no que é importante para ele em termos de informação.

### **3 A MEDIAÇÃO DE LEITURA**

O termo mediação origina-se do latim *medium, mediatione, mediator, medius*, que inicialmente é entendido como forma de intervir, colocar-se no meio ou entre duas partes. Dessa maneira, é compreendido que a mediação tem como função ligar ou relacionar essas partes que antes estavam afastadas.

A mediação possui diversos significados e é vinculada a vários termos e sentidos, porém a mediação de leitura possui uma função de ligação entre a leitura e o possível leitor. Onde o mediador de leitura faz uma ponte entre a história que ele está lendo e o leitor que está ouvindo.

Nas sociedades antigas as pessoas que tinham maiores poderes e acesso aos livros e documentos já faziam esse papel de mediadores de leitura e tinham maior notoriedade na comunidade que faziam parte. Com o passar dos anos, o acesso aos livros foi sendo mais facilitado e a leitura recebeu grande destaque na sociedade. O seu valor e importância foi reconhecido por mais pessoas e por comunidades, onde os seus benefícios foram ficando em evidência no desenvolvimento cognitivo e social do ser humano.

Barbosa (2013, p. 11) destaca que,

A mediação se materializada como um acolhimento e permite que aqueles que buscam adentrar o mundo da leitura, façam uso dessa hospitalidade para apoiar-se e dar materialidade a suas buscas e desejos de compreensão da palavra, da vida. Principalmente, para elaborar, construir seu próprio lugar de leitor.

Esse “lugar de leitor” que o autor citou é entendido como um espaço que o próprio leitor constrói, com as suas vivências e com o que já leu.

Vygostky (1989) considera que mediação é um processo sócio-histórico, que é na troca com o outro que o ser humano se constitui como tal e constrói conhecimentos. Onde o processo de mediação se dá pelos vínculos interpessoais entre os indivíduos.

A mediação de leitura vem se desenvolvendo com o tempo e com a sociedade. Anteriormente, ela era praticada principalmente em escolas, onde era executada principalmente para as crianças e para os alunos, onde, muitas vezes, o mediador que fazia essa função não era bem preparado para a mesma e não existia um certo reconhecimento ou resultados dessa atividade. Porém, atualmente, essa atividade é realizada por profissionais de diversos setores e áreas, não exclusivamente a da educação e claro, ainda continua sendo desenvolvida por pessoas que tem a vontade de desenvolvê-la. Todavia, ainda possui um caráter educativo e cultural que tem como principal finalidade a disseminação da leitura, do conhecimento, do social e da cultura para a sociedade como um todo.

Revoredo (2010, p. 42) salientou que,

[...] deve-se ter em mente que mediar a leitura não significa apenas oferecer livros ou outros tipos de materiais impressos às crianças, mas também fomentar o hábito da leitura para que elas sejam despertadas e possam se formar leitoras.

Essa preocupação da autora é bem válida, já que é reconhecida por observação e, diariamente, em espaços de leitura, escolas e etc., que impor a leitura ou o empréstimo de livros diante de ameaças ou outros artifícios mais radicais para as crianças não é uma boa ideia, pois elas se sentiriam intimidadas a pegar emprestados os livros e por essa pressão gerada, em muitos casos, não leriam os materiais ou se lessem não tirariam proveito da leitura e do seu conteúdo.



### 3.1 LEITURA NA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Um grande número de crianças e adolescentes que fazem parte de comunidades se encontra em uma situação de vulnerabilidade social, seja por questões familiares ou financeiras. Em muitos casos, a própria família dessas crianças e jovens passa por situações difíceis e não dá o devido valor às mesmas. Em consequência desses problemas, muitas vezes, as crianças e os jovens não tem contato com a leitura e com os conhecimentos que são difundidos por ela, seja por falta de dinheiro para comprar livros, revistas ou outros materiais que auxiliam a leitura ou mesmo pela falta de incentivo da própria família que não os estimula a ler e a buscar novos conhecimentos.

Os incentivos à leitura para jovens e crianças, que são moradores dessas comunidades, são praticamente escassos, pois, na grande maioria dos casos não existem programas e nem espaços que estimulem a leitura para os mesmos nas comunidades.

Locais que são bons difusores da leitura e do conhecimento são as bibliotecas comunitárias, elas estão situadas em comunidades e levam esse prazer pela leitura para muitas crianças e pais. Toda comunidade deveria ter uma biblioteca comunitária, pois elas além de estarem localizadas perto das famílias, também são locais aconchegantes e que muitas vezes oferecem contação de histórias e mediação de leitura para as crianças e jovens. As atividades oferecidas por essas bibliotecas são todas gratuitas, até mesmo pela pouca condição financeira das pessoas que fazem uso delas.

Um dos seus maiores objetivos é a difusão da leitura, o acesso ao livro e contribuir na formação de leitores críticos. O seu maior público são pessoas que residem na comunidade na qual estão inseridas, muitos desses indivíduos não têm acesso a livros e a leitura com frequência. A biblioteca comunitária surgiu como uma forma de suprir essa necessidade por espaços de leitura, localizadas nessas comunidades de difícil acesso.

Segundo Cavalcante (2014, p. 31), “A biblioteca comunitária é, portanto, veículo de valorização da diversidade cultural, caminho para geração da autonomia social e fortalecimento da educação transformadora.”

É também um difusor do reconhecimento da diversidade cultural, direção para a formação da liberdade e independência social e consolida a educação. Fornece

conhecimentos e informações para os indivíduos, dando condições para o seu desenvolvimento social, intelectual e cultural por meio do acesso a informação.

A biblioteca comunitária é da comunidade e a mesma deve ter um vínculo com o seu espaço e um sentimento de pertencimento. Cavalcante (2014, p. 21) destaca essa questão abaixo:

[...] é importante ressaltar que a comunidade deve refletir sobre o papel da biblioteca comunitária de modo participativo e dinâmico, permitindo a contribuição de todos. Isso ajudará a promover a autonomia, bem como a troca de saberes, a partilha de ideias e o planejamento das atividades que serão desenvolvidas para a valorização da cultura local, da autonomia social e da educação e de sua prática cotidiana.

A constituição do seu acervo deve refletir a necessidade da comunidade onde está inserida de diferentes formas para despertar o interesse em frequentá-la. Os leitores que vão às bibliotecas comunitárias, muitas vezes, gostam de somente um gênero literário e vão a esses espaços a procura de obras desse determinado gênero. Se a biblioteca não possui livros que são de interesse de seus leitores, os mesmos não irão com frequência no ambiente, pois não vão se interessar por seu acervo.

Desse modo, essa questão do acervo na biblioteca comunitária é muito importante, visto que ele pode aproximar o leitor, mas também é capaz de afastá-lo. Outras ferramentas que são usadas para integrar o leitor a biblioteca são as atividades oferecidas no espaço. Como a mediação de leitura, contação de histórias, oficinas de leitura, encontros com autores etc. Todas essas atividades, se forem bem elaboradas e desenvolvidas, podem tornar-se o diferencial da biblioteca e motivo de muitos usuários frequentá-la.

### 3.2 OS MEDIADORES DE LEITURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

O mediador de leitura desempenha uma função de grande importância para a comunidade e para as pessoas que participam das atividades de mediação que ele desenvolve. Ficou visível diante dos estudos e do que foi discutido nos capítulos antecedentes, que o mediador não é somente o profissional que tem estudo e base teórica para desempenhar tal ofício, mas a própria família, os professores, educadores e os bibliotecários podem ser mediadores de leitura, pois eles todos desempenham essas atividades diariamente em seus ambientes familiares ou de trabalho, para os filhos, alunos, parentes ou crianças, jovens ou adultos que

possuem o interesse de tornar-se um leitor. Muitas vezes, os próprios pais fazem essa papel de mediadores de leitura para seus filhos e não possuem o entendimento que eles estão dando um grande passo na vida de leitor de suas crianças.

Mas, é sempre importante salientar que a mediação de leitura não é tão somente ler qualquer livro ou disponibilizar algum material de leitura para crianças, mas também ter o cuidado de verificar que tipo de material está sendo oferecido e as atividades desenvolvidas. Outra questão que o mediador deve se importar e ter como prioridade no desenvolvimento do seu trabalho é impulsionar e promover o gosto da leitura para as crianças, tendo como objetivo torná-las leitoras, pois se essa prática não for bem trabalhada, as crianças irão somente escutar as histórias mediadas ou, as vezes, nem isso, e, no final da mediação não vão ter o interesse em ler outras histórias e participar de outras mediações de leitura.

Para Garcia (2007, p. 95) “Diante das operações linguísticas necessárias cada vez mais complexas e de objetos de leitura também cada vez mais complexos e diferentes, o mediador é um protagonista mais do que necessário.” Ele faz essa tarefa de maneira natural e significativa, usando ferramentas que podem ser diversas, mas tendo como seu principal aliado o livro.

O mediador sempre está em construção e desenvolvimento, pois “O mediador vai se configurando à medida que forma outros leitores” (Revoredo, 2010, p. 42). Ele cria experiência e aprendizado à medida que trabalha com os leitores e qualifica-se de acordo com suas necessidades e a dos ouvintes.

Garcia (2007, p. 98) apresenta as características que os mediadores de leitura devem possuir:

Ser, antes de qualquer coisa, um leitor; Ter o mínimo de curiosidade – que provoque a busca por novidades; Ter um certo grau de criticidade – fortalecendo a consciência de sua participação na vida de seus leitores; Ser democrático – não devendo se considerar superior aos outros, mas estar aberto para atender às necessidades de seus leitores; E ser um bom ouvinte.

Todos esses atributos reunidos formam um bom mediador de leitura, tendo como principal característica e na qual foi descrita inicialmente pelo autor, ser um leitor. O mediador de leitura precisa ser um leitor, para assim desempenhar as suas habilidades de mediação de leitura e poder conversar com seus leitores, colocando as prioridades e gostos dos mesmos em primeiro lugar.

[...] necessitamos de mediadores capacitados, competentes nas diferentes perspectivas e comprometidos. Mediadores atentos às mudanças de contexto, às variadas necessidades do público-alvo, às transformações de formatos que derivam em novas formas de ler e chegam para dividir a atenção com as formas tradicionais de ler. (MEDINA, 2011, online)

Os mediadores precisam estar atentos às mudanças na sociedade como salientou Medina. Outro fator de grande destaque é saber as demandas do público, estar informado sobre o tipo de livros e de gêneros literários que os seus leitores mais se familiarizam, para assim desenvolver com eles atividades que os façam trabalhar os gostos literários e que possam também desenvolver prazeres por outros tipos de leituras.

### 3.3 A BIBLIOTECA NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO PARA CRIANÇAS

Durante muito tempo, as bibliotecas foram vistas como locais de castigo, onde os professores enviavam os alunos que estavam prejudicando a aula. Essa desmistificação do espaço da biblioteca foi realizada de forma lenta, mas lamentavelmente algumas pessoas e por incrível que pareça, até mesmo, professores e educadores ainda enxergam as bibliotecas como espaços de castigo, principalmente as escolares.

Essa ideia errônea ainda é trabalhada nas escolas, onde existem bibliotecas escolares que possuem grande fluxo de alunos e muitos deles são crianças que estão em fase de desenvolvimento da leitura e de descobertas dos seus gostos literários. Por estar em uma fase de descobertas e aprendizados, a criança deve ser estimulada a realizar atividades prazerosas e que também possibilitem uma vivência de mundo. Incentivar as crianças a visitar os espaços de leitura e bibliotecas é alternativa que as impulsionam a criar o gosto pela leitura e pelo próprio espaço da biblioteca.

Também é importante citar as bibliotecas comunitárias, onde há grande fluxo infantil e, em muitos casos, a maior parte do seu público é composta por crianças da comunidade. E é nesses espaços que a informação e o conhecimento são difundidos para essas crianças. Por meio dos livros que estão no acervo e que podem ser emprestados, também por meio das atividades realizadas, como as mediações de leitura, contação de histórias, apresentação de filmes, por pesquisas que são realizadas nesses espaços e outros.

A biblioteca por si só já é um grande espaço de difusão de conhecimentos diversos. Na fase infantil, a criança se interessa por temas diversos e que as façam criar certa curiosidade. Livros que despertem a atenção e o interesse das crianças são indispensáveis no acervo de uma biblioteca que é frequentada pelas mesmas. Se essas obras integram o acervo do espaço, muito possivelmente a criança irá ter o prazer de frequentá-la e sentirá a necessidade de continuar lendo os livros do seu interesse.

A difusão de conhecimentos não é realizada somente por meio do livro impresso, é importante ressaltar que todas as atividades da biblioteca possibilitam a divulgação de conhecimentos para as crianças. Em virtude disso, as bibliotecas devem investir em diferentes tipos de materiais informacionais e de leitura, que despertem o interesse dos usuários.

### 3.4 A CONSTRUÇÃO DO LEITOR

A família é uma instituição responsável por seus membros, dentre eles, as crianças que fazem parte da mesma. Ela deve dar educação, afeto, respeito e exemplo para os seus integrantes seguirem. Lamentavelmente, nem toda criança possui uma família estruturada que garanta esses aspectos citados.

Muitas famílias, que residem em comunidades com risco social, são bem estruturadas, asseguram o desenvolvimento físico, social e psicológico dos seus filhos e oferecem ambientes propícios para o seu crescimento, muitas dessas famílias possuem pouca renda financeira, mas dispõe-se de uma boa estrutura familiar. Por outro lado, existem famílias que residem nessas comunidades, mas que não dão a estrutura e apoio básico que toda criança tem direito e precisa para o seu melhor desenvolvimento.

Bergamo (2012, online) afirma que esse papel social é de extrema importância para o desenvolvimento de crianças.

Uma boa educação dentro de casa garante uma base mais sólida e segura no contato com as adversidades culturais e sociais, características do período de amadurecimento. A ausência familiar gera graves consequências na formação, alimentando valores egocêntricos, que levam os mais jovens ao mundo do vício e das futilidades.

Essa ausência familiar citada é a carência de educação e de afeto que muitas crianças estão submetidas em seu ambiente familiar. Muitos pais e responsáveis, não somente os que residem em comunidades com risco social, mas também em locais que possuem melhores condições abandonam seus filhos e não dão as condições básicas que toda criança deve possuir para desenvolver-se.

Casos graves de abandono familiar, abuso sexual, agressão física, psicológica e negligência são mais frequentes do que se pode imaginar. Grande parte dos abusos cometidos com crianças ocorre no ambiente doméstico e familiar sendo, muitas vezes, praticado por membros da própria família ou conhecidos.

Oliveira (2008, p. 4) abordou, em alguns de seus artigos científicos, a importância da família no que se refere à prevenção do uso de drogas para crianças e adolescentes. Segundo ele,

[...]tem menor risco de uso abusivo de drogas o indivíduo pertencente a uma família bem integrada, nela mesma e na sociedade, e que conta com fatores protetores como estar bem informado, ter qualidade de vida, ter difícil acesso às drogas, conviver em um lar harmônico, receber o alerta precoce dos pais e, em especial, das mães, associado à observação direta e clara dos danos físicos e morais decorrentes do envolvimento com as drogas.

Esse autor destaca a família como uma instituição de apoio, referência e exemplo. A criança que tiver incluída em ambientes impróprios e sem afeto tende a fazer futuramente as mesmas coisas que veem em seus ambientes. Crianças que vivem em espaços onde presenciam seus parentes fazendo consumo de drogas, batendo nos filhos ou esposa ou realizando outro tipo de atividade ilegal tendem a se desenvolverem com traumas que levam à fase adulta ou até mesmo para toda a vida.

[...] de acordo com os estudos realizados por Vygotski, crianças que se desenvolvem em ambientes desfavoráveis, que presenciam e sofrem práticas violentas em família, com pouco estímulo por parte dos pais, tendem a ter seu desenvolvimento prejudicado e a serem influenciadas pelas mediações negativas que o meio ao qual estão inseridas lhes submete. (SILVA e RAOPORT, 2013, p.3)

Muitas crianças que residem nessas comunidades não possuem o prazer e nem gostam de ler, grande parcela de responsabilidade por essa falta de leitura é dos pais ou responsáveis que não estimulam a leitura na vida dos seus filhos. Mas, é importante evidenciar que muitos pais estão cientes do grande valor e da boa influência que a leitura e o livro podem proporcionar para as suas crianças, mas

devido as suas condições financeiras ou mesmo por questões internas ou externas do seu ambiente, não conseguem oferecer esse acesso aos seus parentes.

Na fase inicial de aprendizagem da criança, os maiores incentivadores à leitura são os próprios pais ou responsáveis. Ora comprando um livro e lendo para seu filho antes de dormir ou em outros momentos, lendo revistas ou até mesmo qualquer material que possa ser lido para eles. Para Silva (2012, p. 12) “a infância é um dos períodos mais importantes da vida humana, porque deve formar as bases orientadoras para novas aprendizagens.” É na fase da infância que a criança desenvolve o prazer pela leitura, por isso que é de extrema importância que ela esteja inserida em ambientes que façam uso da leitura e que as incentivem a desenvolver suas práticas leitoras.

Silva e Raoport (2013, p.5) fazem outra afirmação nessa mesma temática, destacando a

[...] importância de se estar em um ambiente onde a aprendizagem seja favorecida, tendo como ponte para tal, adultos capazes e dispostos a estimular o potencial dessas crianças. Infelizmente, em comunidades vulneráveis, são poucas as famílias que tem a possibilidade de dispor de materiais, jogos, livros ou mesmo de tempo e atenção para dedicar às crianças, talvez pela incompreensão da importância dessa fase da vida. É inegável considerar que as vivências dessas crianças possam afetar de alguma forma sua vida escolar.

Belleboni (2007, online) relata bem essa importância no trecho focando o papel da família nessa formação.

A família é fundamental na formação de bons leitores. A escola participa, sem dúvida ativamente do processo de leitura, mas quem certamente forma um leitor é a sua própria família. Na família, as relações sociais, são espontâneas, partilhadas de emoções, valores e crenças experimentados por todos que dela fazem parte.

Como a própria autora citou, as famílias são as grandes encorajadoras para que as crianças criem o gosto pela leitura e tornem-se cidadãos e bons leitores. Os pais ou responsáveis são os primeiros a serem consultados e incentivados para despertarem em seus filhos o prazer de ler.

A escola e os professores também são importantes encorajadores da leitura para as crianças. Se a criança não tem acesso à leitura e livros em seu ambiente familiar, muito provavelmente ela vai ter esse acesso na sua escola.

[...] a escola tem o papel de criar essas necessidades de leitura nas crianças, permitindo que elas vivenciem situações reais em que possam participar dessas situações ativamente, sendo sujeitos de suas

aprendizagens e percebendo a função social que a leitura ocupa na vida humana.” (SILVA, 2012, p. 5)

E é seguindo essa temática que a literatura é incorporada nos hábitos leitores dessas crianças. A literatura infantil é uma manifestação artística bastante difundida, tendo muitos livros publicados, autores consagrados e é um dos gêneros preferidos pelas crianças.

[...]a literatura deve fazer parte da vida da criança também na escola da pequena infância, de forma provocada, intencional, em que as situações de contato com a literatura sejam criadoras de novas necessidades de ler, de conhecer, de expressão e de prazer por meio da relação dialógica que se estabelece com ela.” (SILVA, 2012, p.5)

Definir qual o gênero literário preferido da criança leva tempo e é um trabalho que possui processos, para Leontiev (1978) o gosto literário está de modo direto relacionado às vivências de cada indivíduo, às ligações determinadas por ele, às condições de vida e de educação que cada sujeito possui.

A preferência literária de cada indivíduo é uma escolha pessoal e vai de acordo com as suas vivências e relações como o autor citou acima. Mas, a escola e, principalmente, os professores também possuem esse papel de auxiliar na descoberta das prioridades literárias de seus alunos.

[...]os professores devem também se apropriar da literatura para poder dispor de meios mais adequados no processo de ensino e de aprendizagem e, por isso mesmo, poder fazer dela um instrumento humanizador, um instrumento da cultura.” (SILVA, 2012, p. 11)

Depois da família, o professor é o maior incentivador da criança e, se o mesmo não praticar esse estímulo à leitura, no futuro, muito provavelmente seus alunos não serão leitores. Já que muitas vezes essas crianças não possuem nenhum tipo de encorajamento no seio familiar em relação à leitura e só têm acesso a livros no ambiente escolar.

#### **4 RISCO SOCIAL E VULNERABILIDADE**

As palavras “risco” e “vulnerabilidade” possuem conceitos distintos, porém são relacionados, já que apresentam fatores semelhantes. Ao mesmo tempo em que o risco especifica as debilidades da sociedade, a vulnerabilidade abrange a condição da população na sociedade que está incluída. Para Yunes e Szymanski (2001, p.28) “[...] a vulnerabilidade opera apenas quando o risco está presente; sem risco, vulnerabilidade não tem efeito”. O próprio conceito da palavra vulnerável refere-se a



penetrar, ferir e, por essa razão, “[...] vulnerabilidade é um termo geralmente usado na referência de predisposição a desordens ou de susceptibilidade ao estresse.” (Janzura, 2012, p. 302).

Oliveira (1995, p. 18) defende a ideia de que a vulnerabilidade dos grupos sociais somente poderá ser eliminada desde que se “[...] transite de uma noção de carências sociais para o terreno de direitos sociais”. Ainda segundo o autor, a definição de outros autores sobre vulnerabilidade é inconclusa e insuficiente, já que não esclarece o contexto nos quais as massas sociais adentram nos grupos considerados vulneráveis. Para Janzura (2012, p. 303) “[...] há indivíduos vulneráveis entre os índios, os negros, as mulheres, os nordestinos, os trabalhadores rurais, [...] as crianças em situação de rua [...]”.

Segundo Oliveira (1995), os grupos “indigentes” e “pobres” se compõem nos maiores grupos vulneráveis da sociedade brasileira, defendendo a ideia de que o formador desses grupos é o mercado de trabalho. De acordo com Oliveira (1995), a concentração da renda continuará produzindo indigentes do mercado informal de trabalho senão houver uma oferta de novos empregos aos que estão iniciando no mercado de trabalho e aos que estão desempregados.

Diante do exposto acima, pode-se depreender que a vulnerabilidade está evidenciada nos riscos, “[...] os riscos estão associados, por um lado, com situações próprias do ciclo de vida das pessoas e, por outro, com condições das famílias, da comunidade e do ambiente em que as pessoas se desenvolvem.” (Janczurra, 2012, p. 304).

Para Carneiro e Veiga (2004, p.304),

[...] vulnerabilidades e riscos remetem às noções de carências e de exclusão. Pessoas, famílias e comunidades são vulneráveis quando não dispõem de recursos materiais e imateriais para enfrentar com sucesso os riscos a que são ou estão submetidas, nem de capacidades para adotar cursos de ações/estratégias que lhes possibilitem alcançar patamares razoáveis de segurança pessoal/coletiva.

A inclusão seria a melhor forma de diminuir os índices de riscos e vulnerabilidade social, pois possibilitaria o acesso a serviços públicos de qualidade, melhoria na saúde, moradia, educação, segurança, entre outros serviços, visando o desenvolvimento da liberdade, habilidades e conhecimentos. Para Janczurra (2012, p. 304) “Estratégias para reduzi-los e ampliar a inclusão requerem ações em várias

frentes, exigindo o planejamento para que elas sejam executadas de forma integrada e complementar.”

Para Janczurra (2012, p. 306) a noção de risco,

[...] implica não somente iminência imediata de um perigo, mas também a possibilidade de, num futuro próximo, ocorrer uma perda de qualidade de vida pela ausência de ação preventiva. A ação preventiva está relacionada com o risco, pois não se trata de só minorar o risco imediatamente, mas de criar prevenções para que se reduza significativamente o risco, ou que ele deixe de existir.

Seguindo esse entendimento, compreende-se que o risco social e a vulnerabilidade estão imersos em muitas das comunidades da cidade de Fortaleza e do país todo. As questões citadas acima fazem parte da realidade de muitas famílias que vivem nessas localidades.

#### 4.1 COMUNIDADES COM RISCO SOCIAL

Existem diversos riscos nos quais as pessoas estão propensas, para Sapienza e Pedremônico (2005) fatores de risco são todas as adversidades que podem interferir no desenvolvimento humano, seja na infância, na adolescência ou qualquer outra fase da vida. Para Amparo et al (2008) grande parte dos fatores de risco encontra-se no lar da criança e na comunidade na qual ela é integrante. O autor ainda considera que fatores de riscos são pobreza extrema, violência física e/ou psicológica, desestruturação familiar, vulnerabilidade social, maus-tratos, negligência, entre outros.

Crianças que vivem em situação de risco social são muito mais vulneráveis e suscetíveis a problemas na escola, problemas de relacionamentos, drogas e envolvimento com a criminalidade. Silva e Raoport (2013, p. 3) abordam essa problemática afirmando que,

[...] de acordo com os estudos realizados por Vygotsky, crianças que se desenvolvem em ambientes desfavoráveis, que presenciam e sofrem práticas violentas em família, com pouco estímulo por parte dos pais, tendem a ter seu desenvolvimento prejudicado e a serem influenciadas pelas mediações negativas que o meio ao qual estão inseridas lhes submete. (SILVA e RAOPORT, 2013, p.3)

França et al. (2002) analisam que o risco se configura como um signo importante para se compreender o homem. Para esses autores é importante

evidenciar os discursos e situar a concepção de risco em correlação aos outros signos da modernidade – como a infância, trabalho precoce, subjetividade, saúde, pobreza – que possibilitam a reflexão sobre as transformações que ocorrem no mundo contemporâneo.

Yunes & Szymanski (2001) garantem que os riscos sempre fizeram parte da sociedade, em qualquer tempo e lugar. Ainda assim, o termo em si possui distintos significados conforme o levantamento social que é realizado. Em muitas situações, os riscos aparecem de modo mais planejado, mais calculado.

Outra circunstância determinante na percepção do risco tem a ver com o impacto previsível que o risco terá nas gerações futuras, factor que se relaciona de perto com a sustentabilidade ambiental e com a percepção de que as actividades (positivas ou negativas) do presente poderão ter consequências (igualmente positivas ou negativas) nas gerações futuras e nas suas actividades e oportunidades. (VALENTE; FIGUEIREDO; COELHO, 2008, p.5)

Comunidades com risco social estão mais suscetíveis a acontecimentos alarmantes, com relação a problemas de vários tipos. Por conta disso, os seus moradores estão à mercê de episódios perigosos e de situações mais graves. É importante ressaltar que nem todos os cidadãos que residem nessas comunidades são influenciados por situações externas que podem desviá-los de uma conduta cidadã.

#### 4.2 O PAPEL DA FAMÍLIA

Em conformidade com muitos estudos, foi determinado que a afetividade é a base do relacionamento familiar. (JERSILD, 1971; MILANI, 1991; PEREIRA, 2003, 2009). Princípios como amor, atenção e diálogo são fundamentais na relação de pais com filhos. Para Pereira (2013, p.4) “A família é definida como núcleo primário de proteção, afeto e socialização para a criança e o adolescente.”

Ainda segundo esse autor,

Ser pai e mãe implica não uma filiação biológica, mas uma filiação socioafetiva; compreende a verdade do coração, mais que a do sangue. Implica cidadania, pertencimento e identidade. Ser pai ou mãe é sê-lo por adoção, ou seja, é se comprometer, se responsabilizar, sustentar, cuidar, amar o filho, independente das formalidades legais. Para que haja a materialização do vínculo filial, portanto, é preciso que os pais reconheçam seus filhos e que os filhos se sintam reconhecidos e seguros nesta relação. (PEREIRA, 2013, p.4)

O reconhecimento que é citado acima deve existir em ambas as partes, pois

impulsiona uma boa relação entre pais e filhos.

O jovem que se sente amado, sente maior liberdade para ser o que é, para explorar e buscar sua autonomia, pôr à prova suas capacidades, fazer escolhas e cometer erros. Isto não significa que nesta relação de amor entre pais e filhos não deva existir hierarquia e autoridade, pois os pais que amam são também aqueles que transmitem a Lei, as regras e os limites. (PEREIRA, 2013, p.4-5)

A autoridade e os limites são fundamentais no vínculo entre pais e filhos, pois esses valores designam princípios e regras a serem seguidas por parte das crianças e adolescentes, visando que cresçam e tornem-se adultos respeitosos e que vivam bem em sociedade.

Neste sentido, é importante ressaltar que o desenvolvimento da autonomia não pode ser confundido com falta de autoridade, regras e limites (questão a ser discutida mais adiante). Ao contrário, somente com o exercício da autoridade é possível a construção da autonomia: da capacidade de negociar papéis, reconhecer a alteridade, desenvolver o autorrespeito e o respeito pelo outro e ter limites, segurança, controle e responsabilidade sobre suas próprias decisões na vida. (PEREIRA, 2013, p.3)

Lamentavelmente, os limites estão ficando distantes da realidade de crianças e adolescentes, pois muitos pais e responsáveis não dialogam com seus filhos e os deixam a mercê das relações sociais das quais fazem parte. Por não haver essa interação das partes envolvidas, a interpretação de mundo dessas crianças fica um pouco comprometida.

Para Pereira (2013, p. 6) “[...] tem sido uma tarefa muito difícil para os pais conseguirem manter o controle sobre seus filhos e ao mesmo tempo serem flexíveis, apoiadores e democráticos.”. A ausência também é outro sintoma preocupando na relação parental. Para Omer (2012), os problemas de conduta dos filhos estão, geralmente, relacionados à ausência do que ao exagero de supervisão dos pais, para o autor, a ausência parental resulta no vazio dos seus filhos.

Essa negligência física e emocional que muitas crianças vivenciam é agravada se as mesmas passarem por situações de risco ou vulnerabilidade social. Crianças que convivem diariamente ou regularmente com situações degradantes, como um local que não seja adequado para moradia, uso de drogas dentro do convívio familiar ou próximo, agressões físicas ou verbais por parte de seus familiares, entre outros acontecimentos “[...] passam a ter dificuldades em gerar comportamentos de reciprocidade no jogo interpessoal da interação social.” (Pereira, 2013, p. 15)

As crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são aquelas que vivem negativamente as consequências das desigualdades sociais; da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem abrupta da infância à vida adulta; da falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura; da falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência; da inserção precoce no mundo do trabalho; da falta de perspectivas de entrada no mercado formal de trabalho; da entrada em trabalhos desqualificados; da exploração do trabalho infantil; da falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas (ABRAMOVAY, CASTRO, PINHEIRO, 2002).

O abandono e a ausência por parte dos pais geram um sentimento de descaso nessas crianças que é agravado por situações de risco que as mesmas vivenciam. Para Pereira (2013, p. 15) “O abandono restringe a mobilidade da pessoa, o que reduz a oportunidade dos contatos sociais e o isola.” Também tende a abater a criança e a dificultar a sua interação social com as pessoas e o ambiente.

As relações em contexto de vulnerabilidade social geram crianças, adolescentes e famílias passivas e dependentes, com a autoestima consideravelmente comprometida. Estes jovens e suas famílias introjetam como atributos negativos pessoais as falhas próprias de sua condição histórico-social. De forma circular e quase inevitável, este ciclo se instala reforçando-se a condição de miséria, não só no nível material, como no nível afetivo. As pessoas, desde muito jovens, percebem-se como inferiores, incapazes, desvalorizadas, sem o reconhecimento social que as faça crer em seu próprio potencial como ser humano. (PEREIRA, 2013, p. 2)

Por conviverem com situações desagradáveis e hostis, a autoestima dessas crianças fica comprometida, fazendo assim com que o seu potencial e desenvolvimento fiquem aprisionados por temerem a rejeição ou recusa de acreditarem em seus talentos. O preconceito é outra situação que muitas dessas crianças passam, já que muitas vezes são subjugadas e culpadas por circunstâncias que elas não têm controle nenhum.

[...]favorecendo a preservação e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, o empoderamento das famílias e o desenvolvimento das potencialidades das crianças e adolescentes atendidos – é importante combater todas as formas de discriminação e preconceitos em relação às crianças e suas famílias (seja pela condição sócio-econômica, pela etnia, religião, gênero, orientação sexual, necessidades especiais, doenças infectocontagiosas etc), respeitando sua individualidade e histórias de vida; e conhecer as redes delas (além das suas próprias), para que consigam compreender a real importância destes vínculos no desenvolvimento saudável de todo do sistema. (PEREIRA, 2013, p. 16)

Diante do que foi comentado sobre o papel da família no desenvolvimento de crianças e adolescentes, é importante citar o quão primordial é a função da família para a criança tornar-se um leitor no futuro. A leitura deve ser estimulada desde a gestação, ler para o filho ainda dentro da barriga aumenta as conexões cerebrais nas crianças. Quando ela nasce, a família deve continuar lendo histórias para os pequenos, melhorando assim a sua cognição e afetividade. Outro ponto importante da leitura para crianças é a admiração e carinho que é gerado entre ela e a pessoa que está lendo o livro. Esse assunto será mais detalhado a seguir.

#### 4.3 COMPORTAMENTO E NÍVEL DE LEITURA DE CRIANÇAS QUE VIVEM EM COMUNIDADES COM RISCO SOCIAL

Por residirem em um ambiente agressivo, muitas crianças presenciam situações de violência, abandono, drogas e outros. Por consequência, parte dessas crianças tende a se tornar agressivas e a reproduzir acontecimentos que foram assistidos. Quando o meio que ela faz parte não reconhece valores básicos de educação, afetividade e respeito, por decorrência, ela também não sente o interesse em valorizá-los.

A escola, muitas vezes, é ausente da vida dos mesmos, pois a necessidade de ganhar dinheiro e sustentar a família é vista como algo emergente. Já quando a escola faz parte do cotidiano da criança, o meio no qual estão inseridos influencia de forma negativa seu desempenho escolar. Seguindo os estudos de Vygotsky, Rapoport (2013, p. 4) cita que,

[...] crianças que se desenvolvem em ambientes desfavoráveis, que presenciam e sofrem práticas violentas em família, com pouco estímulo por parte dos pais, tendem a ter seu desenvolvimento prejudicado e a serem influenciadas pelas mediações negativas que o meio ao qual estão inseridas lhes submete.

Ou seja, quando as crianças reproduzem atitudes agressivas, na maioria das vezes estão presenciando esses casos na própria casa ou por parte de familiares próximos. Viver em ambientes adequados e que proporcionam bons valores para as crianças é fundamental para que os mesmos se tornem cidadãos. Rapoport (2013, p. 5) dá destaque à importância da criança “[...]estar em um ambiente onde a aprendizagem seja favorecida, tendo como ponte para tal, adultos capazes e dispostos a estimular o potencial dessas crianças.” Se não houver esse estímulo e

atenção citado pela autora, as crianças não se sentirão aptas e encorajadas a desempenhar e potencializar suas habilidades.

A negligência e os maus-tratos praticados pelos pais ou cuidadores na infância podem acarretar danos irreversíveis ao desenvolvimento da criança, cujo reflexo poderá ser visto na escola, já nos primeiros anos. O ambiente social em que a criança se desenvolve pode ser um fator de influência. Crianças que apresentam maior déficit no desempenho escolar e problemas de comportamento geralmente provêm de famílias desorganizadas, com disciplina inconsciente, sistemas de castigos e punições exagerados, rejeição à criança, falta de supervisão e de afeto, acarretando a formação de apegos inseguros e comprovando que o núcleo familiar é a principal base para o desenvolvimento saudável da criança. (RAOPORT, 2013, p.8).

Ainda focando nessa temática, Rapoport (2013, p. 9) conclui que

Famílias desestruturadas, onde as crianças ficam expostas desde cedo a situações de violência, vícios, falta de zelo com os filhos e conflitos frequentes entre os adultos podem ser causadoras de traumas, que irão refletir na socialização, no comportamento e no desempenho escolar desses indivíduos. Pais muito rígidos, que se utilizam de práticas punitivas e agressões na educação de seus filhos, unidos a um ambiente social vulnerável, onde os índices de criminalidade são altos, contribuem para o surgimento de características agressivas nessas crianças em ambientes como a escola e no convívio com seus pares.

Diante de todas essas problemáticas, a situação se agrava, pois grande parte dessas comunidades não possuem locais de lazer e de formação para as crianças. Parques, praças e bibliotecas são ambientes que proporcionam momentos de divertimento e cultura para os mesmos, portanto, a sua existência e seguimento são de grande influência para o desenvolvimento dos mesmos.

Mencionando a biblioteca, é de grande relevância considerar e analisar o papel da família na vida leitora de crianças. Na maioria dos casos, o primeiro contato que a criança vai ter com a leitura e com o livro é por intermédio dos pais ou responsáveis. Ela muitas vezes ainda não está apta nos códigos linguísticos, mas apodera-se da leitura por meio da mediação da família. González Alvarez (2000) afirma que sem o auxílio dos pais, são poucas as probabilidades de se desenvolver na criança uma atitude favorável em relação à leitura.

O livro precisa ser colocado no cotidiano e nos momentos compartilhados pelas crianças, pois elas tornar-se-iam mais flexíveis ao objeto livro e experimentariam um sentimento de pertencimento ao mesmo. Assim, com o livro, a leitura deve ser diariamente trabalhada com as crianças e os pais podem ler para os seus filhos a qualquer momento do dia. Se for possível, é muito interessante criar

um ambiente agradável para a leitura, onde seja bem iluminado e confortável.

É importante ressaltar que os pais e responsáveis para promover a leitura para as crianças, precisam também ser leitores. O exemplo que dão, reflete para seus filhos e por consequência, os mesmos vão criando curiosidade na leitura.

Sandroni e Machado (1998, p. 12) apontam que:

Numa casa onde os pais gostam de ler, mesmo que não disponham de uma boa biblioteca, a criança cresce valorizando naturalmente aqueles objetos cheios de sinais que conseguem prender a atenção das pessoas por tanto tempo. A criança percebe, desde muito cedo, que o livro é uma coisa boa, que dá prazer. Os pais que não têm, eles próprios, o hábito de ler deveriam pensar na importância de tentar mudar de comportamento, tanto em benefício dos seus filhos quanto de si mesmos.

Como foi citado acima, o acesso à leitura e aos livros pelas crianças é algo indispensável, porém as crianças que residem em comunidades com risco social não possuem esse alcance, devido à dificuldade de obtê-los, já que livros são caros. A solução mais viável seria o acesso às bibliotecas, contudo nem todas as comunidades possuem, já que precisaria de espaço, pessoal e verba para mantê-las.

A criação de bibliotecas populares me parece uma das atividades mais atualmente necessárias para o desenvolvimento da cultura brasileira. Não que essas bibliotecas venham resolver qualquer dos dolorosos problemas da nossa cultura, o da alfabetização, o da criação de professores de ensino secundário, por exemplo. Mas a disseminação, no povo, do hábito de ler, se bem orientada, criará fatalmente uma população urbana mais esclarecida, mais capaz, de vontade própria, menos indiferente à vida nacional. (VERRI, 1994, p.80 apud ANDRADE, 1957, p.7)

A biblioteca é um espaço de conhecimento, de cultura, de arte e educação. Manter um espaço desses em uma comunidade de risco seria de extrema relevância para aprimorar nas crianças dessas comunidades o hábito da leitura e o desenvolvimento da cidadania.



## **5 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CRIANÇA FELIZ: história e jornada**

A Biblioteca Comunitária Criança Feliz iniciou suas atividades no ano de 1994 no bairro Jardim Iracema, que está localizado na cidade de Fortaleza – CE. O Jardim Iracema é um bairro periférico de Fortaleza que tem como característica histórica a desigualdade na distribuição das terras e renda. Sua população encontra-se entre as mais carentes do município no que se refere a saneamento, infraestrutura básica, emprego e inclusão social, econômica, cultural e política. Na comunidade do Jardim Iracema, a não ser pelas instituições, dificilmente as crianças e adolescentes tem oportunidade de participar de atividades de lazer e convivência, que incentivem e desenvolvam o gosto pela leitura, pela valorização de tradições e valores socioculturais relacionados à história e ao passado do bairro, do município e da região.

A Biblioteca Comunitária Criança Feliz, desde o seu início, já era incorporada ao Projeto Criança Feliz. Seus leitores estão inseridos na realidade descrita acima, assim toda a história do espaço foi construída tomando como embasamento as dificuldades e potencialidades dessa comunidade.

Os seus primeiros livros foram comprados pela própria instituição e adquiridos por meio de doações da comunidade. No ano de 1995, um ano após a sua inauguração, houve uma campanha de arrecadação de livros organizada pelo curso de Comunicação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), que arrecadou mais de 1000 livros para a biblioteca. A campanha tinha como título “Doe um livro, não dói nada”.

Inicialmente, as atividades da biblioteca eram desenvolvidas por quatro voluntários da comunidade que se revezavam em dois turnos, sendo dois pela manhã e dois no período da tarde. Contudo, esse número de voluntários foi reduzido e, desta forma, houve a necessidade de contratar um estagiário do curso de Biblioteconomia, a fim de garantir um cronograma de suas atividades e a continuidade das mesmas de segunda a sexta-feira. Para auxiliar esse estagiário havia a assessoria de uma bibliotecária uma vez por mês, que acompanhava o processo de catalogação, classificação, empréstimo e cadastro de leitores no Sistema de Automação AutoBib. Atualmente, a biblioteca conta com duas estagiárias para a gestão das atividades, preenchendo os turnos manhã e tarde.

No ano de 2010 a biblioteca recebeu o prêmio Ponto de leitura pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor), em virtude do trabalho desenvolvido. Através desse recurso foram adquiridos: computador, leitor de códigos, ar-condicionado, livros e mobiliário, facilitando assim o empréstimo e controle dos livros, criando também um ambiente agradável de leitura, com uma boa temperatura e móveis para os usuários fazerem uso.

Em 2013 a Biblioteca Criança Feliz, juntamente com outras cinco bibliotecas localizadas em projetos sociais iniciou uma parceria com o Instituto C&A através do programa Prazer em Ler, criando assim o Polo de Leitura Jangada Literária. Com a criação do polo, essas bibliotecas passaram a ser comunitárias. As mesmas estão localizadas nos bairros: Jardim Iracema, Padre Andrade, Presidente Kennedy, Álvaro Weyne e uma está estabelecida no município de São Gonçalo do Amarante, a 59 quilômetros do município Fortaleza.

A instituição atuou como âncora de um trabalho coletivo do Polo de Leitura Jangada Literária, intitulado “Leitura Viva: das Instituições aos Quintais”, financiado pelo Instituto C&A, com foco nas crianças, adolescentes, famílias, escolas e comunidades. As ações visaram estimular o desenvolvimento cognitivo-afetivo, com ênfase na convivência integradora e partilha em momentos grupais por meio de atividades literárias.

A integração da Biblioteca Criança Feliz no Polo de Leitura Jangada Literária e as atividades de enraizamento comunitário desenvolvidas durante toda a trajetória em busca desse processo de formação de leitores e democratização do livro e da leitura tem sido importantes no sentido de divulgação de suas ações tanto internas como externas, resultando em um reconhecimento significativo por parte da comunidade do seu entorno, escolas, além de contatos com universitários do curso de Biblioteconomia, que buscam o espaço como fonte de pesquisas de campo e estágios obrigatórios e contatos com autores. É válido ressaltar que a biblioteca está integrada ao Sistema Estadual de Bibliotecas e ao Sistema Nacional de Bibliotecas.

Atualmente o acervo da biblioteca totaliza um número de 4.730 exemplares sendo constituídos em obras de referência, livros de literatura infantil, juvenil e adulta. Inclui também revistas, jornais, CD's e DVD's. Os leitores cadastrados somam um número de 769 e os empréstimos mensais geralmente atingem um número de 300. A biblioteca proporciona diversas atividades para seus usuários e para a comunidade.

Com a facilitação lúdica, criativa e artística do profundo e complexo processo de leitura, a biblioteca oferece mediações, onde as mesmas estão cultivando junto às crianças e adolescentes a leitura como uma ferramenta, uma estratégia, um processo de mediação de sua própria relação com o mundo em que vivem, se apropriando da realidade, (re)significando-a, assimilando valores e princípios, refletindo eticamente, ampliando sua resiliência com o fortalecimento de sua identidade, contribuindo para suportarem e atravessarem suas situações de fragilização da vinculação sócio-familiar-comunitária.

Além disso, impacta positivamente sobre o processo de alfabetização e letramento, bem como na melhora do rendimento educacional-escolar formal, dando acessibilidade aos acúmulos culturais da humanidade, estimulando a fixação da leitura, a imaginação, a sensibilidade, a criatividade, a capacidade de observação, escuta e de reflexão.

A biblioteca oferece ainda encontros com autores, saraus literários, o “Itinerarte” que é uma atividade itinerante da biblioteca e do projeto, que se realiza nas dependências das escolas da comunidade, traçando itinerários de difusão literária, compartilhamento, animação, integração e vivência artística e cultural junto à comunidade escolar.

Outra atividade que é desenvolvida chama-se “Histórias e Quintais”. Esta atividade possui um caráter diferenciado das oficinas, dos grupos e dos encontros, reunindo características destes três tipos de atividades. Um diferencial a ser apontado inicialmente é o fato de ser realizada nos quintais das casas de moradores da comunidade, que recebe uma configuração toda especial, transformando-se em um local artístico-cultural, comunitário-familiar, transformando o quintal no palco de acolhida, encontros, convivência, partilha e avivamento de memórias e histórias, de vida, pessoal e coletiva, da diversidade de gerações e de manifestações identitárias da arte, da cultura e do saber popular.

“Pé na Rua” é uma ação da biblioteca com os seus parceiros. Esta atividade reflete de forma clara e direta a compreensão do Projeto Criança Feliz e da Biblioteca Comunitária Criança Feliz acerca da importância do acesso ao livro e a leitura, da relação entre convivência comunitária, vinculação sócio-afetiva, participação comunitária e cidadania ativa, requalificando as estruturas e os usos de espaços e equipamentos sócio-comunitários, que passam a figurar como espaço de promoção de direitos humanos, sociais e socioassistenciais, ao favorecer, pelas ruas

da comunidade, a céu aberto, o acesso aos livros, a mediação de leitura, contação de histórias, e a vivência da arte, da cultura, do esporte, do lazer e da convivência sócio-familiar e comunitária.

O “Quero + Leitura” é uma ação da Biblioteca em parceria com o Polo Jangada Literária. Essa atividade ocorre uma vez por ano e é realizada em locais públicos da comunidade como praças, quadras poliesportivas e ruas. A ação consiste em divulgar e proporcionar para as pessoas que ainda não conhecem o espaço da biblioteca as suas atividades. A mediação de leitura, a contação de histórias, as cantigas de rodas, as brincadeiras, apresentações artísticas e sorteios de livros são as principais ações desse evento que atrai, a cada edição, um número maior de leitores para a biblioteca.

A atividade é realizada em locais abertos da comunidade, pois é constatada a maior frequência da comunidade nesses eventos quando o mesmo é efetuado próximo à casa dos moradores. A comunidade auxilia na montagem dos materiais e equipamentos para o evento e contribui com os mediadores nas atividades do evento.

O “Comu-Lê” é um evento realizado na praça de uma comunidade da cidade de Fortaleza, onde a biblioteca participa como integrante do Polo Jangada Literária. No evento, ocorrem várias atividades, como apresentações musicais, cirandas, brincadeiras, mediação de leitura e contação de história e há ainda a divulgação das bibliotecas participantes. Têm por objetivo aproximar a comunidade das bibliotecas, fortalecendo o vínculo com a leitura, o livro e a literatura.

A biblioteca participa ainda de toda a construção dos seminários que são realizados pelo Polo de Leitura Jangada Literária. Eles foram desenvolvidos com o propósito de discutir assuntos relacionados à biblioteca, leitura, literatura e questões políticas, focando na criação do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas de Fortaleza.

## 6 METODOLOGIA DA PESQUISA

O objetivo desta pesquisa é investigar, se a leitura proporciona, para as crianças residentes em comunidades com risco social, benefícios que contribuem para a melhoria de vida das crianças atendidas no Projeto Criança Feliz. Para elaborá-la e desenvolvê-la, foi abordada uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, onde houve levantamento e estudo de documentos, como livros, artigos, monografias e periódicos entre outros.

De acordo com Triviños, a abordagem qualitativa (1987, p. 147)

[...] trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

Possibilita o aprofundamento da investigação dos questionamentos, associados ao estudo e também uma valorização do contato da situação estudada.

Gil (2002) defende que a pesquisa bibliográfica é produzida com apoio de materiais já publicados, com o propósito de analisar posicionamentos distintos vinculados a determinado assunto, o que a torna essencial na realização de qualquer estudo monográfico.

Foi utilizada a pesquisa do tipo exploratória, por ela propiciar uma maior familiaridade com o problema.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e [ideias], tendo em vista, a formulação de problemas mais preciosos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 1999, p. 43).

Para esse autor, este tipo de pesquisa apresenta menor severidade no seu planejamento, pois são projetadas para fornecer uma visão geral sobre o acontecimento. Proporciona uma familiarização com o objeto de pesquisa, é proveitoso para identificar situações, explorar possíveis opções ou descobrir novas ideias.

A pesquisa fundamenta-se ainda, no método funcionalista, que para Marconi e Lakatos, (2010, p.92),

O método funcionalista considera, de um lado, a sociedade como uma estrutura complexa de grupos ou indivíduos, reunidos numa trama de ações e reações sociais; de outro, como um sistema de instituições correlacionadas entre si, agindo e reagindo umas em relação às outras. Qualquer que seja o enfoque, fica claro que o conceito de sociedade é visto como um todo em funcionamento, um sistema em operação. E o papel das

partes nesse todo é compreendido como funções no complexo de estrutura e organização.

Esse método interpreta que a sociedade é composta de grupos de indivíduos, relacionados em ações e reações sociais e outro lado há os sistemas de instituições.

Para a execução deste estudo, foi realizada coleta de dados, onde se deu o início da aplicação da pesquisa empírica, mediante estudo de caso.

O estudo de caso foi a Biblioteca Comunitária Criança Feliz que fica localizada no bairro Jardim Iracema, na cidade de Fortaleza-CE. Gil (1991) descreve que o estudo de caso é caracterizado por ser um estudo exaustivo e que possui poucos objetos, mas possibilita o conhecimento amplo e detalhado do mesmo.

Todavia, o estudo de caso é muito frequente na pesquisa social, devido à sua relativa simplicidade e economia, já que pode ser realizado por único investigador, ou por um grupo pequeno e não requer a aplicação de técnicas de massa para coleta de dados, como ocorre nos levantamentos. A maior utilidade do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias. Por sua flexibilidade, é recomendável nas fases de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema. Também se aplica com pertinência nas situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal (GIL, 2002, p. 140).

Conclui-se que o estudo de caso propõe fornecer uma vivência da realidade, tendo por suporte a análise, discussão e a solução de um problema.

Para o levantamento dos dados, foram feitas entrevistas semiestruturadas, com as crianças e jovens que frequentam a biblioteca, para a mediadora de leitura do espaço e para a gestora. Houve também a aplicação de questionários para os pais e responsáveis das crianças e jovens.

De acordo com Triviños (1987, p. 146),

A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

Esse instrumento foi escolhido por propiciar para os entrevistados um clima mais confortável, facilitando assim, que eles se sentissem mais seguros e tranquilos na resposta das perguntas.

Por fim, planejou-se atingir o resultado final, investigando se a leitura proporciona para as crianças que vivem em comunidades com risco social benefícios que contribuem para a melhoria de vida das crianças atendidas no Projeto Criança Feliz.

## 6.1 ANÁLISE DOS DADOS PESQUISADOS

O questionário e as entrevistas continham perguntas distintas, porém, no questionário respondido pelos pais ou responsáveis das crianças, há duas questões bem parecidas que as mesmas responderam na entrevista. As questões levantadas tiveram o propósito de esclarecer o quão importante é a biblioteca e a leitura na vida de crianças e jovens que vivem em comunidades com risco social, se os pais ou responsáveis compreendem e identificam a seriedade do trabalho desenvolvido na biblioteca e como esse mesmo trabalho auxilia a criança na sua vida de forma positiva. Outra questão de bastante relevância para este estudo foi feita para os pais, sobre a identificação de situações de violência no entorno das suas respectivas residências.

Mediante o uso das entrevistas com a mediadora de leitura e a gestora, procurou-se analisar o grau de envolvimento na comunidade dos mesmos, como cada um analisa de forma individual a importância das mediações de leitura para o enfrentamento do risco social e como veem o papel da biblioteca na mudança da realidade da comunidade.

## 6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi aplicada para quatro públicos distintos: para as crianças e jovens que frequentam a biblioteca diariamente ou em determinados períodos de tempo foram utilizadas entrevistas semiestruturadas; para os pais e responsáveis dos mesmos que os acompanham foram empregados questionários; já para a mediadora de leitura que realiza todas as atividades da biblioteca referentes à leitura e a mediação e para a gestora da instituição também foram aplicadas entrevistas semiestruturadas.

A maioria das questões utilizadas nas entrevistas para o primeiro público citado foram diferentes das aplicadas para o segundo público, mas houve alguns questionamentos semelhantes que tinham como objetivo, analisar o que cada participante pensava sobre aquela determinada questão.

Já as perguntas colocadas para o terceiro e quarto público foram um pouco equivalentes, pois eles realizam trabalhos semelhantes, mas é importante ressaltar

que cada indivíduo possui a sua forma de aplicação do trabalho e suas concepções individuais do que realiza.

Nas sessões abaixo, haverá a caracterização dos participantes que responderam os questionários e as entrevistas e posteriormente a análise das suas respectivas respostas.

### 6.3 CRIANÇAS E JOVENS QUE FREQUENTAM A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CRIANÇA FELIZ

A entrevista foi realizada com vinte pessoas, entre crianças e jovens, onde todos eles frequentam a biblioteca todos os dias ou no mínimo, uma vez na quinzena. Muitas deles participam das atividades da biblioteca, como as mediações de leitura ou vão para os eventos que a mesma promove, mas uma parte dos entrevistados não são envolvidos nas ações do espaço e só fazem uso dele para pegar livros emprestados.

As primeiras questões foram de caracterização da criança ou do jovem, como o sexo, a escolaridade e a faixa etária.

Quadro 1 – Caracterização da criança/jovem.

<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Faixa etária</b>
Participante 1	F	Não está estudando	6 a 9 anos
Participante 2	M	Infantil 1 a 5	6 a 9 anos
Participante 3	F	Infantil 1 a 5	3 a 5 anos
Participante 4	F	Infantil 1 a 5	6 a 9 anos
Participante 5	M	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	13 a 15 anos
Participante 6	M	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	13 a 15 anos
Participante 7	M	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	6 a 9 anos
Participante 8	M	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	6 a 9 anos
Participante 9	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	10 a 12 anos
Participante 10	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	10 a 12 anos
Participante 11	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	10 a 12 anos
Participante 12	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	10 a 12 anos
Participante 13	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	6 a 9 anos
Participante 14	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	13 a 15 anos
Participante 15	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	10 a 12 anos



Participante 16	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	10 a 12 anos
Participante 17	F	2º ano a 9º ano do ensino fundamental	10 a 12 anos
Participante 18	M	1º a 3º ano do ensino médio	16 a 19 anos
Participante 19	M	1º a 3º ano do ensino médio	16 a 19 anos
Participante 20	F	1º a 3º ano do ensino médio	16 a 19 anos

Fonte: Pesquisa própria

Diante do quadro acima, verifica-se que o maior número de entrevistados é do sexo feminino e a minoria do sexo masculino. Quanto ao grau de escolaridade, somente um dos entrevistados não está estudando, todos os outros estão na escola e fazem as séries do Infantil 5 ao 3º ano do ensino médio. As idades dos respondentes variam de 3 a 19 anos, com predomínio de 10 a 12 anos. É notório que os entrevistados em sua maioria são crianças, mas houve uma parcela significativa de adolescentes e jovens.

### 6.3.1 Análise das entrevistas

Nas primeiras questões, foi perguntando às crianças e aos jovens se eles participam das atividades da biblioteca, e se a resposta fosse sim, foi pedido para especificar em quais. 55% responderam positivamente e os outros 45% negativamente. Os que responderam “sim”, na maioria das respostas falaram que iam para a leitura. Não especificaram o termo “mediação de leitura”. Mas, pelas suas palavras e explicações, entendeu-se que era a mediação de leitura em si.

Um pequeno número dos entrevistados respondeu que não participam da “leitura”, mas vão para os eventos que a biblioteca promove.

*“Tia, eu não venho para a leitura na biblioteca, mas eu já fui pra aquele dia na rua do projeto, que teve a tenda da leitura e até a senhora contou uma história.”* (Entrevistado 9)

*“Eu não venho para a leitura, mas eu já fui várias vezes pra praça.”* (Entrevistado 10)

Seguindo adiante, foi questionado se eles gostavam de frequentar a biblioteca. Todas as respostas foram positivas. Então, foi perguntando do porquê eles gostam. A maioria respondeu que vai à biblioteca porque gostam de ler e gostam dos livros que tem nela. Outras responderam que na biblioteca aprendem mais a ler, que no espaço têm muitos livros e neles conheceram várias pessoas e lugares, também podem brincar, desenhar e que é um bom para passar o tempo.

*“[...]Se eu ler, o meu conhecimento vai expandir mais.”* (Entrevistado 12)

*“Porque eu gosto de ler na biblioteca. É muito legal.”* (Entrevistado 15)

*“Porque tem um monte de livros e gosto da tia.”* (Entrevistado 17)

*“Porque eu gosto de ver as revistas em quadrinhos.”* (Entrevistado 7)

No próximo item foi perguntado se eles sabem ler, 85% responderam que sabem ler e 15% não sabem. Na pergunta posterior, foi questionado se gostam de ler, 75% responderam positivamente, 10% não gostam e 15% não responderam, porque não sabiam ler.

A próxima pergunta foi sobre os livros preferidos, as respostas que deram dos livros que mais gostam de ler foram bem similares. A maior parte respondeu que gosta de ação, romance, histórias em quadrinhos, fantasia, poesia e os livros do “Diário de um Banana”.

*“Eu gosto mais de ação, terror, mangá e suspense”.* (Entrevistado 6)

*“Só gosto do Diário de um Banana”.* (Entrevistado 11)

*“Aventura e história em quadrinhos”.* (Entrevistado 8)

Logo abaixo foi perguntado se eles tinham contato com os livros/leitura antes de começar a frequentar a biblioteca, se a resposta fosse afirmativa, foi pedido para dizer aonde. 80% confirmaram que já tinham alguma relação com a leitura e 20% responderam negativamente. Desses 80% que responderam afirmativamente, aproximadamente 69% citaram que foi na escola e os outros 11% falaram que foi em casa.

Silva cita que, (2010, p.14),

“[...] ainda se percebe a importância e responsabilidade da escola na formação de leitores, em especial daqueles que não possuem outros modelos de leitura adequados, como os alunos provenientes das classes socioeconomicamente menos favorecidas”.

Esse fato pode ser explicitado pela maioria das respostas das crianças que veem na escola o formador inicial da leitura e, em muitos casos, eles só enxergam nesse espaço o incentivo para tornarem-se leitores. Outro grande fomentador para as crianças é a sua própria família. A minoria dos entrevistados respondeu que foi em casa que tiveram o primeiro contato com o livro e com as práticas de leitura. Por ter sido um pequeno número, torna-se um pouco preocupante, já que a família é um dos maiores incentivadores da leitura para as crianças.

Lima e Silva (2011, p. 3) defendem que “[...] a família é a responsável por inserir a criança no ambiente de aprendizagem, contribuindo para que ela possa se descobrir, se aceitar e sentir-se confiante em sua realidade [...]”. É fundamental que haja uma relação de colaboração entre a família e a escola, objetivando a compreensão da leitura para criança, que o entendimento dela esteja de acordo com as suas potencialidades e que haja significação para a mesma.

A próxima questão refere-se sobre o tema acima. Foi perguntado se alguns dos parentes das crianças e dos jovens leem para os mesmos e se a resposta fosse “sim”, foi pedido para especificar quem. O resultado obtido foi que 55% dos entrevistados responderam que nenhum familiar lia para o mesmo, os outros 45% responderam de forma positiva, onde citaram os pais, em sua grande maioria, os avós, o irmão, primo e uma prima de 09 anos de idade.

Em seguida, a pergunta foi se o entrevistado tinha livros em casa que não fosse somente os do colégio. Novamente, 55% afirmaram que não possuíam livros em sua residência e os outros 45% informaram que possuíam.

Observa-se que mais da metade dos entrevistados não dispõe de livros em sua residência, fato que ainda é bastante assistido nas comunidades com risco social ou mesmo, nas residências de pessoas mais favorecidas financeiramente. Podendo ter diversos causas, como a falta de recursos financeiros, o desinteresse por parte dos familiares de adquiri-los e etc.

A penúltima questão abordou o que os pais e responsáveis das crianças e dos jovens expõem para os mesmos sobre as suas visitas na biblioteca. Foi perguntado se a família aprova que eles frequentem a biblioteca e o porquê. De

forma unânime todas as respostas foram positivas. Algumas justificativas foram bem semelhantes e outras um pouco inusitadas.

*“Eles dizem que eu passo mais tempo com a mente ocupada.”* (Entrevistado 6)

*“Acho que é porque gostam de ver eu lendo.”* (Entrevistado 18)

*“Porque a minha mãe vê que eu fico muito feliz lendo e depois conto a história do livro pra ela.”* (Entrevistado 20)

*“Porque eles não gostam que eu fique em casa bagunçando, preferem que eu venha pra cá.”* (Entrevistado 5)

*“Eles gostam que eu participe da leitura e gostam que eu leve livros pra casa.”* (Participante 1)

*“Porque eles dizem que eu fico mais inteligente e é melhor do que ficar na rua e na internet.”* (Entrevistado 10)

*“Porque é seguro, não sentem preocupação.”* (Entrevistado 11)

Na última pergunta foi questionado se os entrevistados já haviam visitado uma biblioteca, antes de frequentar a Biblioteca Comunitária Criança Feliz. E se sim, em qual. 65% responderam positivamente e os outros 35% disseram que nunca haviam entrado em uma biblioteca. Dos que responderam sim, a grande maioria já tinha visitado a biblioteca da própria escola, outros frequentaram a biblioteca pública e a biblioteca de um shopping da cidade, devido a um passeio do colégio.

Com a conclusão da análise das entrevistas, pode-se observar que o maior número de entrevistados foi de crianças com idades de 3 a 12 anos e o outro número de jovens de 13 a 19 anos. A maior parte participa das atividades que a biblioteca proporciona e todos eles gostam e sentem-se bem em frequentar a biblioteca. Constatou-se que a grande maioria sabe e gosta de ler, já os livros que mais apreciam são de distintos gêneros literários, mas um livro em específico, praticamente todos os entrevistados já leram ou gostam muito da história.

Em maior número de resposta, o contato com a leitura e com os livros iniciou-se antes de começarem a frequentar a biblioteca, e em grande parte na escola ou em casa. Apesar de todas as fragilidades do sistema educacional no país, a escola continua sendo a grande responsável pela formação leitora dos alunos e contempla os espaços que a família em muitos casos não se incorpora.

A respeito da relação dos pais e responsáveis com a leitura para com os entrevistados, as respostas deram dominância à negatividade, onde ficou claro que no ambiente familiar não é comum algum tipo de leitura entre pais e filhos.

Foi demonstrado também que as crianças e jovens, em sua grande maioria não possuem livros em casa. Já a aprovação por parte da família sobre a frequência dos entrevistados na biblioteca foi de forma unânime e pode-se legitimar a importância da biblioteca para esses pais e responsáveis. Tendo como razão diversas situações e diferentes falas. Como conclusão, foi capaz de observar que os participantes da pesquisa já tinham uma ideia do que era uma biblioteca, já que mais da metade havia visitado uma.

#### 6.4 PAIS/RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS/JOVENS QUE FREQUENTAM A BIBLIOTECA

A abordagem com os pais/responsáveis foi em forma de questionário, onde cinco deles responderam. A pesquisa foi realizada com esse público, em virtude de os mesmos participarem ativamente da vida do seu familiar, por essa razão é importante entender os seus julgamentos e pontos de vistas a respeito da biblioteca, da leitura, e informar-se sobre as situações de violência que as crianças/jovens presenciam na sua comunidade.

Logo abaixo, está o quadro que caracteriza o participante e grau de parentesco com as crianças e jovens.

Quadro 2 - Pais/responsáveis das crianças/jovens

<b>Participantes</b>	<b>Sexo</b>	<b>Parentesco</b>
P1	Feminino	Tia
P2	Feminino	Tia
P3	Feminino	Mãe
P4	Feminino	Tia
P5	Feminino	Tia

Fonte: Pesquisa própria

Com base nessas informações e observações, pode-se verificar que todos os respondentes do questionário são mulheres e tiveram como maior parentesco serem

tias das crianças. Pode-se supor que esse fato se dá, pelos indivíduos do sexo masculino estarem em horário de trabalho ou ainda pode-se presumir que eles deixam essa tarefa para suas companheiras.

#### 6.4.1 Análise dos questionários

O questionário foi elaborado para identificar o perfil dos pais e responsáveis que acompanham ou que deixam suas crianças e jovens na biblioteca. Outro ponto importante foi na identificação de situações de violência que os seus semelhantes presenciaram, já que residem em uma comunidade que possui um considerável nível de violência. Também foi solicitado para que os mesmos respondessem sobre questões relacionadas à biblioteca e a leitura.

Foi perguntado qual a idade da criança ou jovem que o adulto é responsável e há quantos meses ou anos ela frequenta a biblioteca. A idade obtida foi entre três a dez anos, constatando-se que são responsáveis só por crianças. O tempo de frequência na biblioteca foi entre duas semanas a um ano e um participante não soube responder.

A questão posterior diz respeito se eles identificam situações de violências que as crianças testemunham e se a resposta fosse afirmativa, quais seriam esses acontecimentos.

Quadro 3 – Identificação de situações de violência na comunidade

Participantes	Identifica situações de violência na comunidade ?	Quais?
P1	Sim	Assassinato e assaltos
P2	Não	-
P3	Sim	Muitos assaltos e pessoas bebendo nas ruas e muitas vezes brigando
P4	Sim	Assassinato, tráfico, assaltos
P5	Sim	Tráfico e assassinatos

Fonte: Pesquisa própria

Analisando as respostas, observa-se que quatro (04) participantes responderam que identificam, sim, violência em sua comunidade e apenas um respondeu negativamente. Gerando grande preocupação, constatando que as

crianças da comunidade estão sujeitas a presenciarem situações de violência bem próximas de suas residências.

Segundo Foster e Brooks-Gunn (2011, p. 1),

As pesquisas mostraram efeitos prejudiciais generalizados de interiorização de problemas gerados pela exposição à violência (por exemplo, sintomas de depressão/ansiedade), de externalização (por exemplo, comportamentos agressivos), e consequências sociais e educacionais na infância e na adolescência.

Crianças e adolescentes expostos à violência no próprio convívio familiar ou na comunidade que residem, podem vir a desenvolver esses problemas expostos pelos autores acima, gerando uma grande preocupação da sociedade em geral.

Seguindo o questionário, foi solicitado que os participantes respondessem se as crianças têm contato com o livro e a leitura somente na biblioteca. Se a resposta marcada fosse “não”, pediu-se para que especificassem quais seriam esses locais. Três participantes responderam que “não” e os outros dois marcaram “sim”. Os locais mencionados foram a escola e a casa.

Prosseguindo com as perguntas, a próxima foi sobre a participação da(s) criança(s) nas atividades da biblioteca. Quatro respostas foram positivas e uma foi negativa. Já o questionamento posterior indagou se o participante concorda que a biblioteca auxilia o seu familiar no desenvolvimento escolar, familiar etc. Se caso a resposta fosse “sim”, pediu-se para especificar como era esse apoio. Por unanimidade todas as respostas foram “sim” e as explicações também foram semelhantes.

*“Melhorou a leitura dela.”* (Participante 1)

*“Na educação.”* (Participante 2)

*“A criança se interessa mais por leitura e a capacidade de aprender fica mais elevada”* (Participante 3)

*“Porque é bom, melhorou a leitura, o comportamento melhorou também, e ele teve mais interesse no livro.”* (Participante 4)

*“Incentiva a criança a estudar, na leitura e a interpretar textos.”* (Participante 5)

Com base nessas respostas, pode-se observar que os pais e responsáveis já notaram uma diferença na vida das crianças, depois que elas começaram a

frequentar a biblioteca e a participar das atividades. Essas mudanças foram observadas em vários âmbitos, como no escolar, social e no familiar.

As próximas questões foram todas fechadas, onde existiam duas opções, “sim” ou “não”. Foi perguntado se o participante concorda que a leitura é importante para o desenvolvimento do seu filho(a). Todos responderam de forma positiva. A questão seguinte indagou se existe um incentivo dos pais ou responsáveis para com a criança que diz respeito à frequência do mesmo na biblioteca. Novamente, todos os participantes responderam que “sim”, que há esse incentivo por parte deles.

A última pergunta questionou se os participantes costumam acompanhar as crianças na biblioteca. Três (03) responderam que “sim” e dois (02) que “não”.

Outro ponto bastante importante para a pesquisa foi a comprovação que na localidade que os participantes e as crianças residem acontecem diversas ocorrências de violência que podem vir a causar muitos danos psicológicos, comportamentais e outros, nas pessoas que testemunham essas situações.

Verificou-se também que os participantes reconhecem a importância da biblioteca, da leitura e do próprio livro para o desenvolvimento das crianças. O incentivo a essas práticas também é exercido em casa e na escola. E por também identificarem o valor dessas práticas, a maioria dos participantes acompanha as crianças na biblioteca.

## 6.5 MEDIADORA DE LEITURA DA BIBLIOTECA

A abordagem com a mediadora de leitura da biblioteca foi em forma de entrevista semiestruturada, com cinco questões abertas. A mediadora trabalha no horário da tarde, é formada em pedagogia e está na instituição há quase três anos.

Algumas perguntas estavam relacionadas com o seu grau de envolvimento com a comunidade, as atividades que a mesma desempenha na biblioteca, como se dá a preparação das ações que o espaço oferece, como a entrevistada analisa a importância das ações que envolvem leitura e também como observa a mudança na comunidade em geral, com o funcionamento da biblioteca.

### 6.5.1 Análise da entrevista

Como mencionado acima, na primeira questão foi indagado à entrevistada qual era o grau de envolvimento da mesma com a comunidade e o projeto. Logo em



seguida, perguntou-se se ela era da comunidade, voluntária ou funcionária. A resposta foi a seguinte:

*“Trabalho como mediadora de leitura na biblioteca comunitária do projeto. Não sou da comunidade em si, mas considero como se fosse, porque já trabalho aqui há quase três anos e sou prestadora de serviço.”*

Logo em seguida, foi perguntado que tipos de atividades a mesma desenvolve na biblioteca.

*“Trabalho com atividades de mediação de leitura e contação de história com crianças de 03 a 09 anos, na biblioteca e em outros eventos literários.”*

Adiante, foi questionado qual a forma de preparação que ela adota para criar e desenvolver as atividades.

*“Através de pesquisas, reuniões, formações e também há planejamento junto com a equipe de educadores do projeto.”*

Avançando mais uma questão, foi perguntado como a mediadora enxerga a importância das ações de mediação de leitura para o enfrentamento do risco social.

*“Vejo como uma oportunidade das crianças se transformarem, tornando-se cidadãos reflexivos e cientes de suas responsabilidades e direitos e também dispostos a serem mais ativos na sociedade.”*

Na última questão, perguntou-se como a entrevistada considera que a biblioteca tem modificado de alguma forma a realidade da comunidade.

*“Muitas crianças tem passado a gostar da leitura e literatura, melhorando a sua forma de se expressar, sua escrita e ganhando autonomia, o que faz com que elas se tornem mais seguras de si.”*

Mediante essa entrevista, torna-se possível observar que a mediadora não é um membro da comunidade “oficialmente”, já que não reside na mesma, mas ela sente que é, já que faz parte do cotidiano dessa comunidade. Com relação às suas atividades, ela não trabalha somente com a mediação de leitura, mas também desenvolve várias ações externas, visando à divulgação não só da biblioteca, mas da leitura.

Quanto à preparação das atividades, ela faz diversas pesquisas antes de realizar determinada ação, há também um planejamento com toda a equipe, onde todos expressam a sua opinião e o projeto e o polo oferecem formações para os seus mediadores.

Como era de se esperar, ela deu uma grande importância para a mediação de leitura e para a biblioteca, expondo que elas geram grandes benefícios para as crianças que estão sujeitas a riscos sociais e para toda a comunidade.

## 6.6 GESTORA DO PROJETO E DA BIBLIOTECA

A entrevista semiestruturada para a gestora continha seis questões abertas, onde foi possível explorar bem as suas respostas. A mesma é formada em Serviço Social e tem especialização em Educação Biocêntrica.

Os questionamentos foram a respeito do seu grau de envolvimento com a comunidade, se ela era voluntária ou funcionária. O tempo que trabalha na instituição, na concepção dela qual a importância que se tem de ter uma biblioteca comunitária em comunidades, ainda sobre o papel das mediações de leitura e do próprio mediador.

Houve a identificação da mediadora de leitura do Projeto e da biblioteca, onde ela pode expressar sua opinião acerca do seu trabalho e dos resultados que ela já observou. A criação das suas mediações vem de estudos feitos em um tempo considerável antes da atividade e pôde-se observar que ela considera o próprio trabalho e o local no qual é realizado de grande valor não só para ela, mas para toda a comunidade.

### 6.5.1 Análise da entrevista

Na primeira questão da entrevista foi perguntado qual seria o grau de envolvimento da gestora com a comunidade, em relação a ser voluntária ou funcionária.

*“Eu fiz parte da fundação do Projeto Criança Feliz. Anteriormente eu trabalhava em uma organização que hoje é parceira do projeto e era o fundo para crianças. Eles solicitaram que eu junto com a comunidade fundasse esse projeto. Então nós fizemos a leitura do estatuto juntos, nós fizemos a própria fundação do projeto em junho de 1986, aqui na própria rua que atualmente é a sede do projeto.”*

Logo adiante foi perguntado há quanto tempo ela era gestora da instituição.

*“Exatamente há 29 anos, desde que o projeto foi fundado.”*

A questão seguinte abordou a opinião dela a respeito da implantação e manutenção de bibliotecas comunitárias nas comunidades.

*“Considerando que a grande maioria das escolas não disponibiliza os acervos para empréstimo, muitas vezes de um governo para outro não há políticas que apoiam o funcionamento da biblioteca e mesmo quando há esse funcionamento, ele não abrange toda a população. As bibliotecas escolares são restritas ao público da escola, então eu considero que a biblioteca comunitária é um espaço coletivo de acesso ao livro, a leitura e ao estímulo a leitura, é uma atividade que abre perspectivas de desenvolvimento para essa criança. Também é um complemento para a escola, não deixa de ser uma parceria junto a escola. Então assim, ela exerce um papel que o próprio poder público deveria estar oferecendo com as bibliotecas públicas em bom funcionamento. Essas bibliotecas de maior porte são distantes dessas áreas que nós trabalhamos, então uma biblioteca comunitária localizada realmente próximo aos moradores, facilita bastante o acesso ao livro.”*

Pode-se observar que ela considera a biblioteca comunitária um espaço necessário e de muito valor nas comunidades, onde facilita o acesso aos livros e a

leitura, já que são localizadas perto das casas dos moradores que muitas vezes não tem contato com esses suportes para a leitura. Expressa ainda, a sua opinião quanto à incapacidade do poder público de oferecer a toda a população o acesso às bibliotecas e das escolas que em muitos casos, não possuem bibliotecas em seus espaços, e quando as detém, não concedem o empréstimo do acervo para os seus alunos.

Na questão subsequente foi questionado como ela enxerga a importância das ações de mediação de leitura para o enfrentamento do risco social.

*“Como nós trabalhamos com uma população que vive em situação de vulnerabilidade social, os pais, em geral não tem esse hábito da leitura. Então o mediador de leitura exerce esse papel fundamental de estímulo espontâneo a leitura. Muitas vezes o próprio professor da escola não tem muito tempo de fazer esse papel, porque ele tem um vasto conteúdo a trabalhar com os alunos, então o mediador de leitura faz esse papel importantíssimo de estimular a leitura de forma prazerosa, que é isso que nós entendemos como fundamental para atingir crianças e jovens. Para que eles possam entender que realmente a leitura é um prazer, uma forma de evolução, crescimento, de acumulo de informação e que enfim, seja prazeroso o hábito da leitura.”*

Avançando para a penúltima questão, foi indagado se a gestora considera que a biblioteca tem modificado de alguma forma a realidade da comunidade e como.

*“Com certeza. Nós vemos o retorno de pessoas que quando eram crianças participaram de alguma atividade em que nós estimulávamos a leitura. Porque nós sempre fazemos uma conexão entre a biblioteca e as outras atividades do projeto. Então assim, é muito gratificante a gente poder ver crianças escolhendo livros, crianças que normalmente não param pra ler. Então é ótimo nós os vemos levando livros para casa, tendo acesso direto a esse livro e jovens já retornando da faculdade e reconhecendo a importância que foi o papel da biblioteca na vida deles. Com certeza tem feito uma grande diferença.”*

Observa-se que a entrevistada nota mudanças muito significativas depois que a biblioteca foi implantada na comunidade. Foi relatado que ela já presenciou a volta de crianças que participaram das atividades do projeto e da biblioteca e que atualmente já levam livros emprestados para casa, fato que anteriormente era muito difícil ou nem acontecia.

Na última questão foi perguntado se ela considerava o trabalho do mediador de leitura importante.

*“Sim, como eu falei o mediador de leitura exerce um papel paralelo ao professor da escola pública, privada, porque a escola tem um conteúdo que muitas vezes não dá tempo para que a criança tenha acesso ao livro e a leitura de forma prazerosa. O mediador de forma lúdica e acolhedora promove esse primeiro contato com livro que é importantíssimo. Não de forma obrigatória, como muitas vezes a escola trabalha a leitura de forma mais convencional, de responder a questionário, de ter que fazer parte do currículo e ler tais e tais livro, então, com essa liberdade que é a colocada dentro da biblioteca isso tudo se torna mais fácil pro desenvolvimento da criança com a biblioteca.”*

Considerando todas as respostas da entrevistada, é possível observar que a mesma é funcionária da instituição há quase trinta anos. Possui opinião bastante favorável a implantação e manutenção de bibliotecas comunitárias em comunidades, onde enxerga que esses espaços oferecem muitos benefícios para os moradores da comunidade e são grandes transformadores de vidas.

Para ela, as ações de mediação de leitura auxiliam no enfrentamento do risco social e apoiam o gosto da leitura para os moradores das comunidades. Reconhece ainda o importante trabalho desenvolvido pelo mediador de leitura, que é um dos maiores responsáveis por introduzir e manter a leitura na vida dos moradores.

Diante das entrevistas, dos questionários e da análise de todos os dados, é notório constatar que a leitura é uma ferramenta de conhecimento para as crianças que vivem em comunidades com risco social. Todos os participantes relataram que a leitura, a biblioteca comunitária e os mediadores são ferramentas indispensáveis para o crescimento das crianças, em vários níveis.

Todos eles têm opiniões e discernimentos próprios sobre esse assunto, mas é

satisfatório concluir que todos enxergam que a leitura é uma coisa boa e que a biblioteca é um excelente espaço de educação, cultura, aprendizado e etc.

Quanto ao mediador de leitura, muitas das crianças entrevistadas e até mesmo os pais ou responsáveis na maioria das vezes não sabe o que é um mediador de leitura, mas eles respeitam e veem que o trabalho desenvolvido na biblioteca é fruto de muito trabalho.

Nas entrevistas da mediadora de leitura e da gestora do projeto, pôde-se constatar que as duas valorizam muito o trabalho que realizam e também tem a visão formada que o trabalho que elas desenvolvem mudam vidas.

Na fala de muitos dos entrevistados, foi citado em vários momentos que na comunidade na qual a biblioteca está situada ocorrem casos de violência. Então, a biblioteca é um espaço de cultura e de lazer para a comunidade que muitas vezes fica refém dessa violência.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante esta pesquisa, em um primeiro momento observou-se que o acesso aos livros e a leitura ainda é uma questão bastante delicada na sociedade, principalmente para pessoas que vivem em comunidades que apresentam risco social. Porém, foi verificado que mesmo por todas as dificuldades enfrentadas pelas crianças e seus pais ou responsáveis, os mesmos consideram que a leitura e a biblioteca são muito importantes para o crescimento das crianças em vários aspectos.

Os profissionais que desempenham funções de incentivo à leitura são bem quistos pela comunidade e possuem reconhecido papel mediante a função que desempenham em formar leitores. Verificou-se que as atividades de incentivo à leitura e as visitas às bibliotecas comunitárias proporcionam um bem enorme para as crianças, tornando-os leitores e contribuindo para o enfrentamento da vulnerabilidade em que se encontram.

Conclui-se que os objetivos desta pesquisa foram alcançados ao atestar que a leitura contribui para a melhoria de vida das crianças atendidas no Projeto Criança Feliz, e por consequência, entende-se a biblioteca como um instrumento social fundamental na formação cidadã, especialmente em comunidades cujo risco social encontra-se presente e expõe as crianças a situações vulneráveis. Isso pode ser atestado nos relatos dos seus pais e responsáveis sobre as melhorias que as crianças obtiveram na escola, na leitura, na vida social e em outros quesitos, depois que começaram a frequentar a biblioteca e a participar das atividades oferecidas.

Neste estudo procurou-se identificar os fatores de riscos no qual as crianças estão sujeitas na comunidade que residem e verificar que existem algumas situações de violência que eles presenciam.

Foi observado ainda, que muitas crianças participam das mediações de leitura, mas ainda existe uma parcela considerável que frequenta a biblioteca, mas não se envolve nas suas ações.

Outro objetivo alcançado foi procurar o entendimento de leitura que as crianças atendidas pelo Projeto Criança Feliz possuem. Concluiu-se que boa parte delas consideram a mediação de leitura como uma forma de leitura e depois que começaram a frequentar a biblioteca e participar das atividades, a leitura melhorou consideravelmente e a vontade de ler e levar livros para casa aumentou.

Enfim, conclui-se que espaços como as bibliotecas comunitárias são locais que mudam a vidas de pessoas que não tinham oportunidades de ter acesso a leitura. Verifica-se, ainda, que a atividade da mediação de leitura abre portas para formar leitores e o mediador de leitura é um transformador de realidades.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M; CASTRO, G. M.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F. S.; MARTINELLI, C.C. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO/ BID, 2002.
- AMPARO, Deise Matos do et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 165-174, mai. 2008.
- AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-livro, 2008.
- BARBOSA, J.B; BARBOSA, M.V; **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor**. 1 Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.
- BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Marco Antônio de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.21, n.3, p.87-100, set./dez. 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidades: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BELLEBONI, Aline B. Simoni. **A prática da leitura começa em casa**. Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/opiniao/opiniao.asp?entrID=607>>. Acesso em: 26 maio. 2015.
- BERGAMO, Laura. **A importância da família para a formação de cidadãos conscientes**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://www.metodista.br/cidadania/numero-58/a-importancia-da-familia-para-a-formacao-de-cidadaos-conscientes>> Acesso em 26 maio. 2015.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010**. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf)>. Acesso em: 12. abr. 2015.
- BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CARNEIRO, C. B. L; VEIGA, L. da. O conceito de inclusão, dimensões e indicadores. **Pensar BH: Política Social**. Belo Horizonte: SCOMPS / PBH, encarte especial da edição n. 10, 2004..
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v.2.
- CAVALCANTE, L. E., ARARIPE, F.M.A. (orgs). **Biblioteca e comunidade: entre**

vozes e saberes. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2014. 158p.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecário mediador de leitura e de práticas culturais em comunidades vulneráveis. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**. Rio Grande do Sul, v. 20, n.2, p. 130-145, 2014.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. SP: Cortez, 1982.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FOSTER, Holly. BROOKS-GUNN, Jeanne. **Efeitos da violência física familiar e comunitária no desenvolvimento da criança**, Texas – USA, 2011, p. 1-6.

GARCIA, Edson Gabriel. O mediador de leitura: conversas sobre sua identidade em quatro tons e meio. In\_\_\_\_\_: **Prazer em ler: registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura**. Vol. 2. São Paulo: Instituto C&A e CENPEC, 2007. p. 94-104.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ ALVAREZ, Cristóbal. 2000. Estrategias y procedimientos para fomentar la lectura en la familia y en la escuela. **Lenguaje y textos**, Málaga-ES, 2000, p. 71-80.

INFANTE, U. **Texto: Leitura e escritas**. São Paulo: Scipione, 2000.

JANCZURA, Rosane. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 301 - 308, ago./dez. 2012.

JERSILD, A T. **Psicologia da Adolescência**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1971.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LIMA, G. R. G. ; Silva, Rafael Bianchi. **O papel da família no desenvolvimento do hábito de leitura: perspectivas na formação docente**, Londrina – PR, 2011.

MEDINA, María Beatriz. A formação do promotor de leitura: A experiência do banco do livro na Venezuela. **Revista Emília**, Caracas, 2011, online. Disponível em: <<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=45>>. Acesso em: 25 maio. 2015.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002.

MILANI, F. M. O adolescente, a família e a escola: uma visão integrada. I **Congresso Nacional. A saúde do adolescente** (p. 389-402). Rio de Janeiro: academia nacional de medicina, 1991.

OLIVEIRA, Elias Barbosa; BITTENCOURT, Leilane Porto; CARMO, Aila Coelho. A importância da família na prevenção do uso de drogas entre crianças e adolescentes: papel materno. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, Ribeirão Preto, SP, v.4, n.2, 2008.

OLIVEIRA, F. **A questão do Estado**: vulnerabilidade social e carência de direitos. In: Subsídios à Conferência Nacional de Assistência Social, 1. Brasília: CNAS, out. 1995.

OMER, H. **Autoridade sem violência**: O resgate da voz dos pais. Belo Horizonte: Artesã, 2002.

PEREIRA, Sandra; ENI F. N. **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social**: articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. Aconchego-DF, 2013.

PEREIRA, S. E. F. N. **Drogadição e atos infracionais entre jovens na voz do adolescente em conflito com a lei do DF**. 2003. 270 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

PEREIRA, S. E. F. N. **Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas**. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PERUZZO, C. M. K.; VOLPATO, M. O. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferenças. In: II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da comunicação, 2009, São Paulo.

**RETRATOS da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012.

REVOREDO, Mariana. **Mediadores de leitura**: A participação da família na formação de leitores – Um estudo de caso em Presidente Prudente /SP. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente/SP. 2010.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**: guia prático de estímulo à leitura. 4. ed., São Paulo: Ática, 1998.

SAPIENZA, Graziela; PEDDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, Proteção e Resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.10, n.2, p. 209-216, mai. 2005.

SILVA, Bianca Soares. et al. **Papel da biblioteca comunitária na preservação da memória cultural da comunidade**. Fortaleza, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1986.

SILVA, Greice Ferreira da. O pequeno leitor e o processo de leitura literária. **Revista Álabe**, São Paulo, 2012.

SILVA, S.B. RAOPORT, A. Desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social. **Revista Educação em Rede: Formação e Prática Docente**, Itacolomi – RS, v. 2, n.2, p. 1-26, 2013.

SILVA, Solimar Patriota. Leitor, Leitura e Escola: Concepções de futuros mediadores de leitura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio**, Duque de Caxias, n. 34, p.13-24, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 49

VALENTE, S; FIGUEIREDO, E.; COELHO, C. **Entre os riscos e os benefícios: análise da percepção social do risco em duas comunidades mineiras**. Lisboa, 2008.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. **Templários da Ausência em Bibliotecas Populares**. Recife: Editora universitária da UFPE, 1994.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A:** Entrevista com as crianças e jovens que frequentam a Biblioteca Comunitária Criança Feliz



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

**ENTREVISTA**  
**Instrumento para coleta de dados**

Entrevista para as crianças que frequentam Projeto e a Biblioteca Comunitária Criança Feliz.

Sexo:  Feminino  Masculino

Escolaridade:

Infantil 1 a 5  2ª a 9ª série do Ensino Fundamental  1ª a 3ª ano do Ensino Médio  Ensino Superior  Não está estudando

1 – Quantos anos você tem?

3 a 5 anos  6 a 9 anos  10 a 12  13 a 15  16 a 19

2 – Você participa das atividades da Biblioteca?

Sim  Não

Quais?

---

3 – Você gosta de frequentar a biblioteca?

Sim  Não

Porque?

---

---

4 – Você sabe ler?

Sim  Não

5 – Você gosta de ler?

Sim  Não

Quais os livros que você mais gosta de ler?

---

---

6 – Você já tinha contato com os livros/leitura antes de começar a frequentar a biblioteca?

Sim  Não

Se sim, onde?

---

7 – Algum dos seus parentes lê pra você em casa?

Sim  Não

Se sim, quem?

---

8 – Você tem livros em casa?

Sim     Não

9 – Seus pais/responsáveis gostam que você frequente a biblioteca?

Sim     Não

Porque?

---

---

10 – Antes de frequentar a Biblioteca Comunitária Criança Feliz, você já tinha entrado em outra biblioteca?

Sim     Não

Se sim, em qual?

---

**APÊNDICE B:** Questionário para os pais/responsáveis das crianças que frequentam a Biblioteca Comunitária Criança Feliz



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

**QUESTIONÁRIO**  
**Instrumento para coleta de dados**

Prezado(a) Senhor(a)

Estamos elaborando uma pesquisa objetivando à coleta de dados para a conclusão da monografia intitulada “A leitura como ferramenta de difusão do conhecimento no desenvolvimento de crianças que moram em comunidades com risco social” que é requisito parcial para a conclusão do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo principal deste questionário é saber da sua opinião acerca da biblioteca e das suas atividades. Em virtude disso, gostaríamos de contar com a sua colaboração, respondendo a estas perguntas. As questões respondidas nesse questionário são de total sigilo e uso restrito para desenvolvimento da pesquisa.

Agradecemos a sua atenção.

Att,

Valeska de Sousa Gomes

1 – Qual o seu parentesco com a criança?

Mãe  Pai  Avó  Avô  Outro

Se marcou a opção “outro”, qual? \_\_\_\_\_.

2 – Qual a idade do seu filho?

\_\_\_\_\_.

3 – Há quantos meses/anos a criança frequenta a biblioteca?

\_\_\_\_\_.



4 – Na localidade onde o senhor(a) reside, o senhor(a) identifica problemas relacionados a violências, droga, álcool, etc?

Sim     Não

Se a resposta foi “sim” que tipo de situações são essas?

---

---

5 – A criança tem contato com a leitura/livros somente na biblioteca?

Sim     Não

Se você marcou “não”, onde mais ela tem contato com a leitura/livros? Ex.: Em casa, na escola, na casa de parentes e etc.

---

6 – A criança participa das atividades de leitura na biblioteca?

Sim     Não

7 – O senhor(a) concorda que a biblioteca auxilia a criança no seu desenvolvimento escolar, social, na família, e etc?

Sim     Não

Se “sim”, como?

---

---

---

8 – O senhor(a) concorda que a leitura é importante para o desenvolvimento dos seus filhos/responsáveis?

Sim       Não

9 – O senhor (a) incentiva o seu filho/responsável a frequentar biblioteca?

Sim       Não

10 – O senhor(a) costuma acompanhar seu filhos/responsável na biblioteca?

Sim       Não

**APÊNDICE C:** Entrevista com a mediadora de leitura da biblioteca

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

**ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**  
**Instrumento para coleta de dados**

Prezado(a) Mediador (a)

Estamos elaborando uma pesquisa objetivando à coleta de dados para a conclusão da monografia intitulada “A leitura como ferramenta de difusão do conhecimento no desenvolvimento de crianças que moram em comunidades com risco social” que é requisito parcial para a conclusão do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo principal desta entrevista é saber do grau de envolvimento com a comunidade e das suas experiências como mediadora de leitura na Biblioteca Comunitária Criança Feliz. Em virtude disso, gostaríamos de contar com a sua colaboração, respondendo a estas perguntas. As questões respondidas nessa entrevista são de total sigilo e uso restrito para desenvolvimento da pesquisa.

Agradecemos a sua atenção.

Att,

Valeska de Sousa Gomes

**Identificação**

**Nome:**

**Formação:**

1. Qual o seu grau de envolvimento com a comunidade e o projeto? Você é da comunidade? É voluntário (a) ou assalariado (a)?
2. Que tipos de atividades desenvolve na Biblioteca Comunitária Criança Feliz?
3. Como você se prepara para desenvolver as atividades?
4. Como vê a importância das ações de mediação de leitura para o enfrentamento do risco social?

5. Você considera que a biblioteca tem modificado de alguma forma a realidade da comunidade? Se sim, como?

**APÊNDICE D:** Entrevista com a gestora do projeto e da biblioteca

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

**ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**  
**Instrumento para coleta de dados**

Prezado(a) Gestor(a)

Estamos elaborando uma pesquisa objetivando à coleta de dados para a conclusão da monografia intitulada “A leitura como ferramenta de difusão do conhecimento no desenvolvimento de crianças que moram em comunidades com risco social” que é requisito parcial para a conclusão do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo principal desta entrevista é saber do grau de envolvimento com a comunidade e das suas experiências como gestora do Projeto Criança Feliz e da Biblioteca Comunitária Criança Feliz. Em virtude disso, gostaríamos de contar com a sua colaboração, respondendo a estas perguntas. As questões respondidas nessa entrevista são de total sigilo e uso restrito para desenvolvimento da pesquisa.

Agradecemos a sua atenção.

Att,

Valeska de Sousa Gomes

**Identificação****Nome:****Formação:**

1. Qual o seu grau de envolvimento com a comunidade e o projeto? Você é da comunidade? É voluntário(a) ou funcionário(a)?
2. Há quanto tempo é gestor(a) da instituição?
3. Na sua concepção, qual a importância de se ter uma biblioteca em comunidades?
4. Como vê a importância das ações de mediação de leitura para o enfrentamento do risco social?

5. Você considera que a biblioteca tem modificado de alguma forma a realidade da comunidade? Como?
6. Você acha importante o trabalho do mediador(a) de leitura? Por que?